

MEMÓRIAS DE ALPERCATA: URBANIZAÇÃO, CULTURA E COTIDIANO



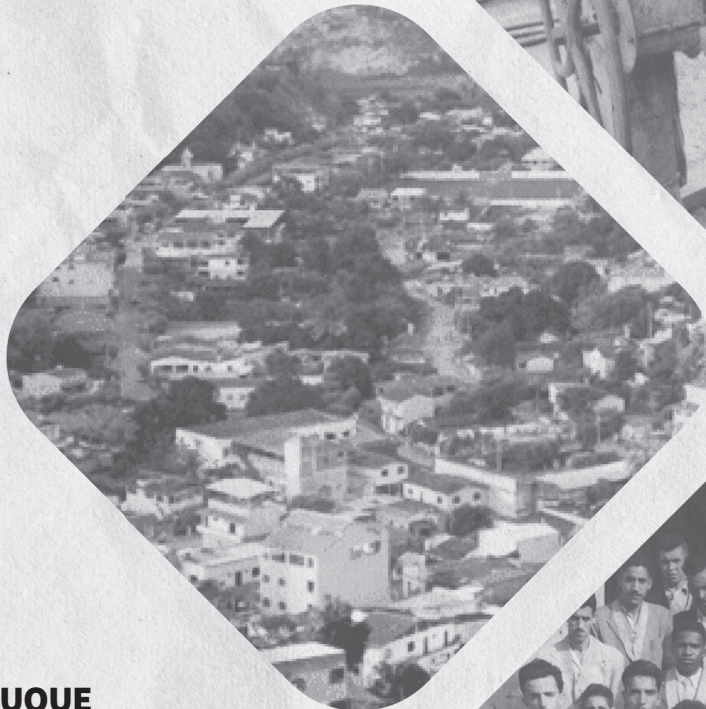
ÉLICA LOPES TEIXEIRA DUQUE
PATRÍCIA FALCO GENOVEZ

univale
editora



PREFEITURA MUNICIPAL DE
ALPERCATA
Um governo novo para novos tempos!
GESTÃO 2021 - 2024

MEMÓRIAS DE ALPERCATA: URBANIZAÇÃO, CULTURA E COTIDIANO



ÉLICA LOPES TEIXEIRA DUQUE
PATRÍCIA FALCO GENOVEZ

univale
editora



PREFEITURA MUNICIPAL DE
ALPERCATA
Um governo *MAIS* para *MAIS* tempos!
GESTÃO 2021 - 2024

Ficha Catalográfica – Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

D946m Duque, Élica Lopes Teixeira
981.51 Memórias de Alpercata [livro eletrônico]: urbanização, cultura
Élica Lopes Teixeira Duque ; Patrícia Falco Genovez.--
Governador Valadares, MG : Univale Editora, 2021.
100 p. : il.
ISBN: 978-65-87227-27-6

1. Alpercata (MG) - História. 2. Cidades e vilas - Minas
Gerais - História. I.Genovez, Patrícia Falco. II. Título



Dedico este livro ao meu amado marido Rodrigo
e à minha pequena filha Helena.



A Deus, pelo amor, força, zelo e cuidado nessa jornada.
À Prefeitura Municipal de Alpercata e ao prefeito Rafael França.
À Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins,
à Câmara Municipal, pelas fotos e informações tão importantes
para o enriquecimento desse livro. Pela parceria do
SEMEC - Secretaria de Educação e Cultura de Alpercata,
e ao SEMPAC – Setor Municipal de Patrimônio Cultural.
À José Soares pelo apoio para que esse livro viesse a ser
publicado como um material rico e de grande valia para
a população alpercatense.

À minha amiga Betânia Neves, pelas correções, incentivo
e colaborações constantes. Aos meus pais e irmãos que sempre
me incentivaram. Aos meus amigos pelo carinho e torcida.
Aos entrevistados que foram tão importantes, com informações
ricas e que agregaram valor a esse livro. A todos que de alguma
forma com carinho e dedicação contribuíram para que este livro
fosse possível, onde o sonho tornou-se realidade.

Ao povo alpercatense que ao longo dos tempos foram
escrevendo sua história de luta e dignidade.



**A história é testemunha do passado, luz da verdade,
vida da memória, mestra da vida, anunciadora
dos tempos antigos.**

Cícero



APRESENTAÇÃO

Em geral, quando se escreve a apresentação de um livro é comum falar de sua capa, do(s) autor(es), dos motivos que levariam alguém a ler esse livro, do gênero utilizado para sua elaboração e, por fim, elabora-se uma síntese de todo o texto. Gostaríamos de apresentar este livro enquanto uma conversa ou, como é comum em cidades pequenas, enquanto uma prosa. Buscamos tecer uma conversa com os leitores e queremos muito ouvi-los. Por isso, esse livro não é sobre a história de Alpercata, é sobre as memórias, sobre as narrativas contadas pelos seus moradores.

Essa prosa, repleta de memórias, foi escrita numa linguagem simples e pode ser lida e acompanhada por cada um dos alpercatenses. Vocês verão que em muitos momentos faltam informações, dados, fotos e isso mostra o quanto é importante a participação de todos, para aprimorarmos e enriquecermos as memórias de Alpercata. Entregamos à população o que hoje é denominada como uma obra aberta. O que isso significa? Significa que as pessoas que lerem esse livro podem entrar em contato conosco para complementar informações, enviar fotos e memórias que revelem sobre o passado de Alpercata.

Portanto, quem puder colaborar, pode enviar informações para o e-mail memoriasdealpercata@hotmail.com

Escolhemos elaborar um livro de memórias aberto à comunidade porque queremos realçar a responsabilidade de todos quando se trata do passado, da identidade e das preciosidades que permeiam o cotidiano da cidade. Estamos considerando que esse livro seja o primeiro passo para reunir informações sobre o surgimento de Alpercata, seu desenvolvimento, seus moradores e sua cultura.

Figura 1 - Vista aérea da cidade de Alpercata
Fonte: PMA Assessoria de Comunicação
Ano: 2018



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
CAPÍTULO 1 Como surge Alpercata e como se desenvolve: Principais passos e fatores que influenciaram a nova cidade	13
1.1 Uma visão panorâmica: Os elementos que contribuíram para a transformação da região	
1.2 Olhando mais de perto: A comunicação viária de Alpercata	
CAPÍTULO 2 A formação do núcleo urbano	32
2.1 Os moradores: Origens e cotidiano	
2.2 As moradias: O uso de materiais e o interior	
2.3 Gente que vem e gente que vai	
2.4 Um povo trabalhador: Da fazenda para a cidade	
2.5 Água, luz, ruas, praças e arborização: agora sim uma cidade	
CAPÍTULO 3 Referências culturais: Cultura e cotidiano em Alpercata	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 	98

CAPÍTULO 1 |

Como surge Alpercata e como se desenvolve: Principais passos e fatores que influenciaram a nova cidade

Alpercata como conhecemos hoje, não caiu do céu pronta, mas também não começou do nada. Quando a gente pensa no começo de uma cidade, ficamos um pouco confusos, porque o caminho da história a ser contada pode tomar muitos rumos. Podemos contar a vida política, a vida do mundo da economia e do trabalho, o modo como as pessoas construíram as casas, a própria história das pessoas, isto é, de onde vieram e por qual motivo vieram, o mundo das festas religiosas e das diversões das feiras, e assim por diante. Cada uma destas possibilidades conta uma história diferente, mas nem por isso errada. Todas elas juntas fazem a grande história da cidade. Afinal, o que é que vamos considerar como ponto de partida da cidade que temos aqui diante de nós? É claro que uma cidade começa com gente, com algum tipo de atividade, com algum motivo para as pessoas morarem ali e por aí vai.... Contudo, tudo isso não está no ar, deve estar e acontecer em algum lugar. Vamos, portanto, começar essa história fazendo uma caminhada no tempo, olhando para Alpercata e percebendo como a cidade foi se modificando pouco a pouco.

Se fizermos um exercício como se estivéssemos vendo Alpercata pelo computador, acessando o Google Maps, podemos ver a cidade de cima, nos distanciando pouco a pouco até ela se tornar um pontinho no mapa, podemos dizer que Alpercata está na Terra e não na Lua, mas isso não ajuda muito.

Vamos nos aproximar um pouco mais e fazer um primeiro grande círculo abrangendo todo o Estado de Minas Gerais, desde o início “oficial” deste estado há 300 anos, lá pelas bandas de Ouro Preto, Mariana, Diamantina, Sabará e outras cidades dos tempos da exploração do ouro e dos diamantes. Este tempo teve pouca ou nenhuma influência em Alpercata tal como a conhecemos. Neste período da extração do ouro, viviam ao longo do Rio Doce os diversos grupos indígenas que caçavam nas matas, pescavam nos rios, moravam uns tempos em um lugar e depois migravam para onde a vida fosse mais fácil. Eles tinham diversos nomes e um cotidiano cheio de hábitos diferentes. Os principais nomes destes grupos são: Maxakali, Kariri, Bororó, Krenak, Pojixá, Krekum, Bhuês. Muitos desses grupos circularam pela região Leste de Minas Gerais e estiveram nas terras onde hoje se localiza Alpercata. Atualmente, ainda existem alguns grupos na região, dentre eles, Maxakali, Krenak e Pataxó. Se prestarmos atenção, alguns de seus costumes estão ainda entre nós, como é o caso dos remédios caseiros e alimentos como o milho e a mandioca.

1.1 Uma visão panorâmica: Os elementos que contribuíram para a transformação da região

Depois do grande círculo que compreendia todo o Estado de Minas Gerais e os mais de 300 anos, vamos fazer um círculo menor e pensar em uma determinada região. Para delimitarmos um tempo, vamos considerar o século que vai de 1850 a 1950; além disso, definiremos um espaço, e ficaremos nesta área entre Teófilo Otoni, Aimorés, Caratinga e o atual Vale do Aço. Toda essa região tem algo em comum: era uma imensa e densa floresta habitada por diversos grupos indígenas, como já indicamos acima. Mas, em termos de população, mesmo considerando a presença dos indígenas, essa presença era bem pequena se a compararmos com os milhões de pessoas que temos hoje. Como isso

Se você conhece algum grupo indígena próximo a Alpercata, algum costume ou prática indígena (alimento, medicamento caseiro, artesanato, dança, música, instrumento musical, lenda, modo de construção etc.), que você descobriu que faz parte do seu cotidiano, conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



aconteceu? Quais os principais acontecimentos, entre 1850 e 1950, contribuíram para que essa região deixasse de ter uma população tão pequena e dispersa para se tornar numa região tão populosa no século XX?

Podemos listar cinco mudanças enormes que levaram não só à transformação da paisagem, como também alteraram o estilo de vida das pessoas que moravam aqui. A primeira foi a construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas, que chegou a Valadares em 1910, isto é, mais de um século atrás. A construção de uma ferrovia é um evento que gera inúmeros fatos que vão se multiplicando para tudo o que está ao seu redor. Uma ferrovia custa muito para ser construída e deve ter um motivo para que seja feita; não se faz uma estrada de ferro só para enfeite. Ela servia para escoar minério de ferro, como o faz até hoje, simultaneamente, permitia que as produções de café, carne, madeira e tudo o mais, pudessem ser vendidas. Ao mesmo tempo, sua construção possibilitou a vinda de milhares de famílias que se deslocaram do Espírito Santo para a Zona da Mata mineira, e também daquelas que vieram dos estados nordestinos. Porém, não devemos pensar que a influência da ferrovia seja apenas essa: uma ferrovia influencia os costumes e permite que as pessoas viajem. Essa movimentação intensa pode trazer novidades das cidades grandes. Tudo isso interfere na vida simples dos moradores dos lugares mais isolados. É mais ou menos o que temos hoje com influência da televisão e a propaganda de um modo geral. Pela tela da TV, as pessoas que moram no interior do Brasil, em cidades bem pequenas, descobrem como as pessoas vivem nos grandes centros e quais são os costumes das famílias (o que e como se alimentam, como se vestem, como são suas relações familiares, seus valores e comportamentos).

A segunda grande mudança foi a destruição das matas pelos mais diversos motivos: explorar a madeira de lei, produzir carvão, limpar a área de doenças como a febre amarela e outras. Acreditava-se que as matas continham e mantinham essas doenças. Ao mesmo tempo, o fim

das florestas permitiu o uso do solo para a agricultura e a criação de gado. Os vales de Alpercata, ou seja, as terras das baixadas, são famosos pela fertilidade e isso foi aproveitado com tecnologias consideradas modernas na época, bem no início do povoamento, nos anos 1920 a 1940. Por outro lado, esse aproveitamento se deu em parte devido ao tipo de solo e ao tipo de relevo, montanhas, colinas, morros etc., entretanto, quando as matas foram tiradas, veio algo muito triste: a erosão e o risco evidente de desertificação. Se você prestar atenção ao caminhar pelo interior de Alpercata, ainda hoje poderá ver este contraste entre as encostas, onde já começam a formação de voçorocas – valetas cavadas pela água da chuva – e os vales férteis. Isso começou há pelo menos um século, nesta região que falamos acima, e em Alpercata, ainda que de modo mais lento, começou certamente a partir dos anos 1940.

A terceira mudança foi a migração. Essa alteração foi talvez a mais lenta, porém teve uma enorme influência e dura até hoje. Isso pode ser visto até nos sobrenomes das pessoas de Alpercata que, de certa forma, testemunham que seus antepassados vieram de inúmeras cidades da Zona da Mata e mesmo do exterior, como é o caso dos moradores com sobrenomes italianos. Por que essas pessoas vieram para cá? Os motivos são os mais diversos: falta de condições de vida nas regiões de origem, aventura, a busca por uma vida nova e por aí vai. Praticamente, cada migrante tem um motivo muito pessoal. Há casos em que o migrante vai em busca de um grande amor!

A quarta mudança, que nem sempre damos tanto valor, é a construção de estradas. Diz o provérbio: sem um destino não se vai longe, mas com as estradas somos levados ao destino. Conhecer a vida de Alpercata é também conhecer um pouco da história da Rodovia que passa em seu território. A BR-116 é também conhecida como Rio-Bahia, mas na verdade, liga, com seus quase 4.500 quilômetros, a fronteira do Brasil com o Uruguai lá no Sul, à capital do Ceará (Fortaleza) no

Você já fez essa experiência de caminhar pelo interior de Alpercata? Já prestou atenção no seu relevo? Você consegue identificar alguma área com erosão? Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



Você conhece a história da sua família? Sabe de onde ela veio? Sabe onde nasceram seus pais e avós? Conhece alguma família que tenha se mudado para Alpercata? Escreva para nós essa história!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



Nor-deste, passando por 11 estados e os principais centros econômicos, culturais e políticos do Brasil. A propósito, a BR-116 tem diversos nomes ao longo de seu trajeto: a parte que vai da fronteira do Rio de Janeiro (Além Paraíba), até a fronteira com a Bahia (Divisa Alegre), passando por Alpercata, chama-se Santos Dumont.

Daqui a pouco voltaremos a falar dessa rodovia que teve tanta importância para Alpercata. Por agora, vamos apenas indicar que foi por esta estrada que muitos vieram do Nordeste para o Sul do Brasil e muitas mercadorias produzidas nos grandes centros industriais do Sul chegam até nossas casas. Um exemplo disso são os produtos que temos nos supermercados: praticamente todos eles passaram por esta estrada, ora percorrendo alguns poucos quilômetros, como é o caso do leite e da carne, ora percorrendo até mais de 2.000 quilômetros, como é o caso do arroz.

Ainda que não estejam diretamente vinculadas a Alpercata, temos outras rodovias na região. A rodovia BR-381, que parte de São Paulo e termina em São Mateus/ES, passando por Belo Horizonte e Vale do Aço, depois de Governador Valadares, ela conecta-se com Mantena, Nova Venécia, dentre outras cidades do norte capixaba. A BR-259 que conecta Felixlândia na BR-040, ao norte de Belo Horizonte com a região de Vitória, passando por Governador Valadares, depois de passar pela região de Serro, Diamantina, Guanhães, Curvelo etc. Esse é o caminho de Brasília. Não podemos esquecer da BR-451, que conecta Bocaiuva, na região de Minas, isto é, Montes Claros, passando por outras rodovias no Vale do Jequitinhonha e alcançando Governador Valadares. Esse encontro de quatro rodovias explica muito do que acontece nesta região. Soma-se a essas rodovias outra BR, a 458, da qual falaremos mais adiante.

Qualquer um que passa por essas rodovias à noite e avista Alpercata de algum modo, pode ver suas ruas e casas iluminadas. Essa é a quinta grande influencia da nossa lista: a energia elétrica (figura 2). Imagine Alpercata 100 anos atrás: só com luz de querosene e lamparinas! A energia elétrica trouxe junto à ela muitas novidades. É só pensar na gritaria que acontece se faltar luz uma semana! Além da iluminação pública, temos a indústria, o comércio, as oficinas, o rádio, a TV, a Internet, o ferro elétrico, a máquina de lavar roupas, o computador, a torradeira, o ar condicionado, o ventilador, o freezer, a geladeira e por aí vai. A lista é imensa. Para que tenhamos uma ideia da influência da energia elétrica, devemos imaginar como era a vida das primeiras pessoas que moravam nesta região. A energia elétrica não trouxe somente esses bens, mas mudou o modo como as pessoas vivem. Antigamente, quando escurecia todos iam dormir; amanheceu o dia, as pessoas iam para a escola e para o trabalho. Hoje, o dia se estende noite adentro de tal modo que temos uma “vida noturna”, que não é só a dos bares e lugares de festa, mas também em nossas casas onde, às vezes, as novelas nos deixam acordados até quase à meia noite, sem falar do futebol.

Assim, do mesmo modo, a energia elétrica pode ser tanto um sinal como um fator de progresso. Do mesmo modo, além de ajudar os habitantes a terem uma vida mais cômoda, ela permite que sejam produzidos inúmeros produtos. Isso interessa não só para os moradores das cidades, vale também para os que moram nas fazendas, nas vilas e até nas casas mais isoladas.

Figura 2 - Inauguração da luz elétrica em Alpercata pelo deputado José de Magalhães Pinto

Fonte: Prefeitura Municipal de Alpercata - Secretaria de Educação
Ano: 1966



Você conhece alguém que viveu na época em que não havia energia elétrica em Alpercata? Pergunte como era a vida e o cotidiano. Escreva para nós.

Ao longo do tempo, o impacto dessas cinco mudanças foi enorme: as matas e seus moradores antigos simplesmente desapareceram ou ficaram isolados em meio às outras pessoas com diferentes estilos de vida que passaram a morar aqui. Por isso, se queremos compreender Alpercata – e mesmo toda esta região que delimitamos – devemos levar em consideração pelo menos os cinco fatores apresentados.

1.2 Olhando mais de perto: A comunicação viária de Alpercata

Vamos agora fechar ainda mais o círculo de nossa atenção e olhar para Alpercata mais de perto. É claro que não temos uma estação de estrada de ferro aqui na cidade, porém, isso não quer dizer que um alpercatense não possa ir de trem para Belo Horizonte ou para as praias do Espírito Santo. De carro, a estação da estrada de ferro não fica a mais

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



de 20 minutos de distância. Isso significa que, embora a estação de trem esteja em Governador Valadares, ela tem uma influência em nossa cidade, sendo acessível a muitos moradores.

Quando olhamos mais de perto para Alpercata, percebemos que a paisagem ao redor da cidade é testemunha do que ocorreu aqui. As matas cederam espaço para os plantios de milho, feijão, o famoso quiabo e para as pastagens. Nas histórias dos moradores mais antigos, ouvimos sobre a produção local, as fazendas e os primeiros moradores. Os sobrenomes das pessoas, por sua vez, “denunciam” de onde eles vieram. A migração teve enorme influência no povoamento da cidade. Imagine se a BR-116 fizesse uma volta, e de Taruaçu fosse para São Geraldo do Tumiritinga e passasse o rio Doce em Derribadinha? O que seria de Alpercata? Como seria a vida aqui? Parece que o grande impulso inicial para a cidade, foi exatamente o acampamento dos funcionários que construíram a rodovia nos anos de 1940. Essa rodovia só foi asfaltada em 1963. Não é por coincidência que Alpercata passa a ser distrito de Valadares em 1948, e torna-se município em 1962, com instalação efetiva somente em 1963. Veremos mais detalhes adiante.

DADOS HISTÓRICOS OFICIAIS DE ALPERCATA

Distrito de Alpercata - Lei estadual nº 336, de 27 de dezembro de 1948

Emancipação - Lei estadual nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962

Instalação da Cidade - 1º de março de 1963

Neste passo, vamos olhar a cidade em seus detalhes. Anteriormente olhamos Alpercata lá de cima, como se estivéssemos num avião, agora vamos olhar para ela como se estivéssemos andando pelas ruas, chácaras, fazendas e vilas. Vamos dar atenção às pessoas que vivem aqui e que contribuíram para o que a cidade é agora em seus mais diversos aspectos: políticos, educacionais, culturais, econômicos, arquitetônicos etc.

Como começou Alpercata, que teve por primeiro nome Córrego do Esgoto e depois Bom Jesus do Novo Cruzeiro? Nos estudos do surgimento das cidades, de um modo geral, temos na realidade dois tipos de aglomerado urbano: as cidades planejadas, como é o caso de Belo Horizonte, Brasília (figura 3), Goiânia, em parte, Ipatinga, e que no fundo são muito poucas; e as que podemos chamar de espontâneas (figura 4). Essas surgem normalmente a partir de algum tipo de atrativo: uma encruzilhada de estradas, a parada de tropas, um posto de combustíveis, uma indústria estratégica, um centro agrícola etc. Os estudos das cidades chamadas espontâneas também dizem que seu começo, o lugar de seu início, deixa uma marca para sempre na cidade. Se a cidade surge ao lado de uma rodovia, é quase certo que a rodovia influencia no modo como a cidade se desenvolve. Pode-se ver o caso de Carazinho, no Rio Grande do Sul e Rondonópolis, no Mato Grosso. Em geral, são cidades longas e estreitas.

Figura 3 - Planejamento de Brasília
Fonte: Site Casa Vogue
Ano: Desconhecido



Figura 4 - Manaus,
cidade sem planejamento

Fonte: Site CAU

Ano: Desconhecido



Outras surgem, como no caso de Alpercata, a partir de um centro (figura 5) que vai se expandindo na forma de uma rosa, ou seja, seu crescimento se dá para os lados. Perceberemos melhor a expansão do centro se focarmos mais um pouco o nosso olhar em duas direções, a partir da rodovia como elemento central da constituição do povoamento que deu origem à cidade: o modo como a cidade se estabelece em relação às demais cidades do entorno e, como essa relação interfere no seu crescimento e desenvolvimento interno. Vamos considerar primeiro esse movimento ao redor de Alpercata.



Figura 5 - Foto aérea do centro de Alpercata
Fonte: Acervo pessoal de Márcio Mello
Ano: 2019

Para se compreender o modo pelo qual Alpercata foi tomando forma é essencial considerar a construção da BR-116 e o fato de a empreiteira ter escolhido a região onde hoje se encontra o nosso município para assentar um acampamento temporário de trabalhadores da rodovia. Isso também se relaciona com o que os estudos das cidades chamam de justaposição, que veremos adiante. Nestes estudos, um assunto importante é a comunicação, não no sentido de jornalismo, rádio ou coisas assim, mas no sentido dos caminhos, tanto os que levam à cidade como os internos que servem para os moradores se movimentarem dentro da própria cidade. A isso podemos chamar de “comunicação viária”, e Alpercata é o testemunho de como este fator é importante, como foi também para Governador Valadares.

Algo muito interessante de ressaltarmos, é o fato que a Rodovia Rio-Bahia ou Santos Dumont atravessava Alpercata (figura 6). Ao analisar o relevo da cidade é perceptível que foi o mais viável na época, primeiro, pela falta de equipamentos e maquinário pesados e, segundo, por ser esse antigo percurso mais plano. Todo o processo para construir a BR foi realizado à mão, com enxadão e ferramentas mais simples.

Figura 6 - Vista panorâmica de Alpercata, fotografia tirada na Rio-Bahia velha
Fonte: Acervo pessoal de José Neves
Ano: Desconhecido



A BR se adentrava pela entrada principal da cidade, na Rua José Alves Pereira, logo após, passava em um fragmento da Rua Vereador José Contim Sobrinho (figura 7), e virava onde é a Casa do vaqueiro, na Fazenda do Vinicius Texaco, à esquerda. Mais à frente, essa BR passava no meio da Fazenda Dois Irmãos e desembocava em alguma parte da Rodovia Santos Dumont.

Figura 7 - Frag. Rio Bahia em vermelho, indicando que passava dentro de Alpercata
Fonte: Google Maps
Ano: 2021



O motivo pelo qual escolheu-se fixar no Acampamento uma vila para os funcionários, foi pela proximidade da velha Rodovia Rio-Bahia com o local, sendo de fácil acesso, permitindo a fluidez dos trabalhadores, das ferramentas e dos equipamentos até o lugar.

Então vejamos, vamos considerar Alpercata entre duas cidades na região: Caratinga que, entre 1840 e 1870, teve uma atuação modesta, e Governador Valadares, que passa a ter alguma importância nas primeiras décadas do Século XX, com a inauguração da estação da estrada de ferro em 1910 e sua emancipação em 1938.

Para além dessas duas cidades, Alpercata também se estabelece entre as cidades intermediárias, que podem ter alguma importância, temos Santa Bárbara do Leste, cujos primeiros habitantes empreendedores são de 1890, e depois Dom Cavati, com movimentos de desbravamento iniciados em 1910. Entre esses vários movimentos de povoamento e efervescência de alguns lugares que estão se desenvolvendo, merece uma atenção especial o fato de Manoel Florentino Lopes, primeiro proprietário de terras – ou melhor, das terras onde seria “instalada” Alpercata-, ter chegado aqui em 1926, junto com seus familiares.

Podemos facilmente imaginar a chegada do Manoel e sua família: de carroça com tração animal, seguindo as estradas precárias de então, na maior parte, andando a cavalo ou a pé; daqui vem a palavra “pioneiro”, aquele que chega ou anda a pé. Se eles vieram de Santo Antônio da Figueira (antigo nome de Governador Valadares), isso deve ter demorado, no mínimo, uma semana. Só lembrando que era preciso abrir a estrada. Tudo isso para chegar às terras demarcadas. Digamos que houvesse uma estradinha de terra, mas é muito improvável, uma vez que os “exploradores” de Dom Cavati vieram de Muriaé em 1908, e com isso, a estrada, caso houvesse, partiria de Caratinga e não de Valadares. De qualquer modo, os Lopes tiveram que abrir uma trilha com

facção e machado até chegar a um lugar onde houvesse água, e ali abrir uma clareira e construir a primeira cabana. Esse percurso que demorou talvez uns 10 dias em 1926, hoje, podemos fazer em 15 minutos.

Pode ser que houvesse uma estrada simples ligando Caratinga a Santo Antônio da Figueira, mas é duvidoso que passasse pelas matas da atual Alpercata (figuras 8 e 9). Pelo mapa, vemos hoje três estradas ou rodovias paralelas entre Caratinga e o Vale do Aço levando para Governador Valadares. A atual BR-381, a BR-116 e a BR-458. A BR-458 inicialmente liga o Vale do Aço à BR-116; depois segue pela própria BR-116 até Taruaçu de Minas. Ali, ela tem uma pista própria e segue para Tarumirim, Itanhomi, Capitão Andrade chegando a São Geraldo do Tumiritinga e, dali, segue para além de Era Nova, onde alcança Governador Valadares. É provável que o traçado da BR-116 entre Caratinga e Taruaçu de Minas tenha se sobreposto a uma antiga estrada, e de Taruaçu até Governador Valadares fosse criado um novo traçado ou usado uma estrada simples que levava até Dom Cavati.

No caso de Engenheiro Caldas – nome de um engenheiro responsável pela construção da BR-116 – os primeiros exploradores são de 1906, mas em 1948, era ainda um simples distrito de Tarumirim, com isso, o principal vínculo rodoviário era com a sede e não com Governador Valadares. Por isso, pode-se pensar que o traçado da BR-116 de Taruaçu a Governador Valadares seja um traçado novo, o que sugere que o Acampamento de 1941, na região plana das terras de Gabriel Lopes¹, tenha sido, de fato, o germe da futura cidade de Alpercata.

¹Gabriel Lopes era um caboclo idoso que morava na virada da serra, onde hoje fica a localidade do Acampamento.

Figura 8 - Vista aérea da cidade de Alpercata

Fonte: Facebook PMA – Acervo pessoal de José Soares

Ano: 2019



Figura 9 - Imagem panorâmica da cidade de Alpercata

Fonte: Ache tudo e região

Ano: Desconhecido



Neste sentido, em termos de seu início, podemos pensar Alpercata em cinco momentos: 1926, chegada de Manoel Florentino Lopes² e sua família para implantar uma fazenda e, provavelmente, logo em seguida outros fizeram o mesmo; 1941, instalação do Acampamento dos funcionários da nova rodovia; 1943, doação, por parte de Manoel Florentino Lopes, das terras nas proximidades do Córrego Bonfim, onde hoje se localiza a Cerâmica Alpercata, contribuindo para a construção da futura cidade; assim, com o aumento dos moradores no antigo acampamento (figura 10), em 1948 foi criado o Distrito de Alpercata, pertencendo à prefeitura de Governador Valadares; finalmente, 1963, asfaltamento da BR-116 e a emancipação do Distrito de Bom Jesus do Novo Cruzeiro³, agora com o nome de Alpercata.

Você já tinha ouvido falar de Manoel Lopes? Procure saber de seus pais e avós se eles conhecem alguma história sobre esse importante morador e conte para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.

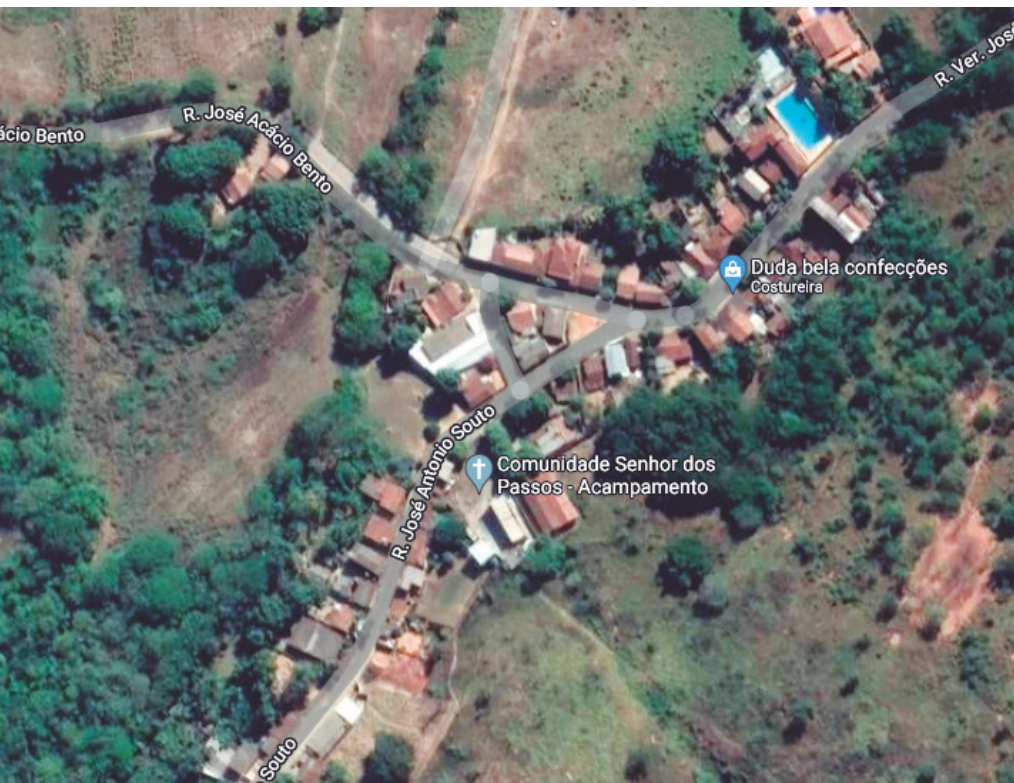


Figura 10 - Vista aérea do bairro Acampamento em Alpercata
Fonte: Google Maps
Ano: 2021

² Gabriel não era parente de Manoel Florentino Lopes, doador do terreno para a futura cidade de Bom Jesus de Alpercata. ³ O próprio Manoel Florentino Lopes queria que a cidade, fosse denominada Bom Jesus do Novo Cruzeiro

Muitas cidades surgiram, como afirmado anteriormente, por algum atrativo: uma pequena venda, uma parada de tropas e assim por diante. Outras surgiram a partir de um “patrimônio”, ou seja, da reserva de uma parte de uma propriedade maior para a formação de uma vila, como é o caso de Xonim de Cima. Assim, o dono de uma extensão grande de terras “doava” uma parte dela para ser dividida e destinada aos trabalhadores da empresa agrícola, bem como para espaços comunitários, como igrejas, escolas, postos de saúde, cemitério etc.

A fazenda de Manoel Florentino Lopes foi o ponto de partida de Alpercata, lá nos anos 1920, mas a concretização de uma vila e depois de um Distrito, começa apenas em 1943, com a saída dos funcionários da empresa que construía a BR-116. Esses funcionários, provavelmente, ficaram ali por uns 2 ou 3 anos. O acampamento, como é de se esperar, “organizou” elementarmente o espaço para as casas provisórias e sobre esta estrutura foram assentadas as primeiras moradias.

CAPÍTULO 2 |

A formação do núcleo urbano

Considerando o que foi dito acima, a BR-116 de Taruaçu a Governador Valadares foi feita sobre um traçado novo e passava por dentro do Acampamento em 1940. Mas quando foi asfaltada, em 1963, o “Acampamento”, então uma vila, já era habitado e foi feito ali um desvio. Lembremos que em 1943 foi feita a “doação” deste espaço para o surgimento da vila, depois Distrito e, por fim, Sede do Município. Quem observa o mapa do município de Alpercata, logo vê que a BR-116 faz uma curva à direita quando se aproxima do Sul, para se desviar da cidade. Na realidade, isso foi uma sorte para Alpercata, ficando livre para se desenvolver como um núcleo e não como uma faixa ao longo da estrada, como se pode ver em diversas cidades cortadas por rodovias: Dom Cavati, Santa Rita de Minas, Santa Bárbara do Leste, por exemplo, que são cidades divididas e alongadas. Já Inhapim teve a mesma sorte de Alpercata, a rodovia passa ao lado do núcleo urbano.

O lugar de início, marca o destino da cidade, assim, se de um lado a BR-116 marcou Alpercata pela presença dos funcionários da empresa rodoviária, de outro lado, ela ficou independente em parte dos efeitos da rodovia sobre seu núcleo urbano. O bairro de Era Nova está como que separado da Sede. Aliás, isso também ocorreu com a Vila Eugênio Franklin, separada da cidade pela rodovia. Diante disso, podemos pensar em três núcleos quase autônomos e com características diferentes. No caso do distrito sede, a partir de 1948, cinco anos após a saída do Acampamento, provavelmente foram mantidas as características de organização das barracas dos funcionários, levando a um desenvolvimento e expansão quase circular.

No caso do então bairro de Era Nova (figura 11), ele se configura mais como uma “cidade planejada”, pelo menos em parte. Já a Vila Eugênio Franklin, se desenvolveu, principalmente, pelas feiras que existiam no lugar. A partir delas, ocorria a revenda de frutas, verduras, legumes e hortaliças. Outro ponto de desenvolvimento do bairro foi o posto de gasolina ali implantado. Muitos caminhoneiros paravam para abastecer e descansar, o que gerou uma circulação de pessoas e uma microeconomia para o local. Posteriormente, lá foi implantada a Prefeitura Municipal de Alpercata, com todos os seus anexos, trazendo uma circulação mais intensa de pessoas para o local.

Figura 11 - Vista aérea do bairro Era Nova em Alpercata
Fonte: Google Maps
Ano: 2021



O uso das “marcas” do acampamento e o deslocamento posterior da rodovia fizeram com que a Sede de Alpercata se ajustasse ao que os urbanistas chamam de justaposição, isto é, a cidade se adapta ao meio ambiente, ao relevo e às circunstâncias que ela encontra, por exemplo, um vale, uma planície, as margens de um rio e assim por diante. Alpercata, neste sentido, se adequou ao espaço que ela tinha sem sofrer diretamente a influência da rodovia. O espaço, então, deixou de ser simplesmente natural e passou a ser um espaço “construído”, num primeiro momento pelo Acampamento em 1940, e num segundo momento, de modo mais definido, como um Distrito a partir de 1948.

O processo naturalmente teve seus passos: de início casas isoladas, sem um arruamento, sem calçadas e meio fio e, na verdade, também não tinha água potável e nem mesmo recolhimento de esgoto. Com a elevação à condição de Distrito, em 1948, e depois, como Município em 1963, além desses serviços urbanos básicos – ruas, calçadas, orientação das construções – temos a presença de praças e de edifícios “sociais” como o cartório, igrejas, casa paroquial e espaços para os serviços públicos. Alpercata (figuras 12, 13, e 14), apesar de não ter sido planejada, “sofreu” um planejamento básico, observado ainda hoje nas ruas, praças e organização social. Alguns desses espaços comuns, provavelmente, estavam previstos na doação inicial, como era o padrão das fazendas em geral desta região.

Figura 12 - Vista aérea do bairro Acampamento em Alpercata

Fonte: Google Maps
Ano: 2021



Figura 13 - Vista aérea das construções iniciais de Alpercata

Fonte: Google Maps
Ano: 2021

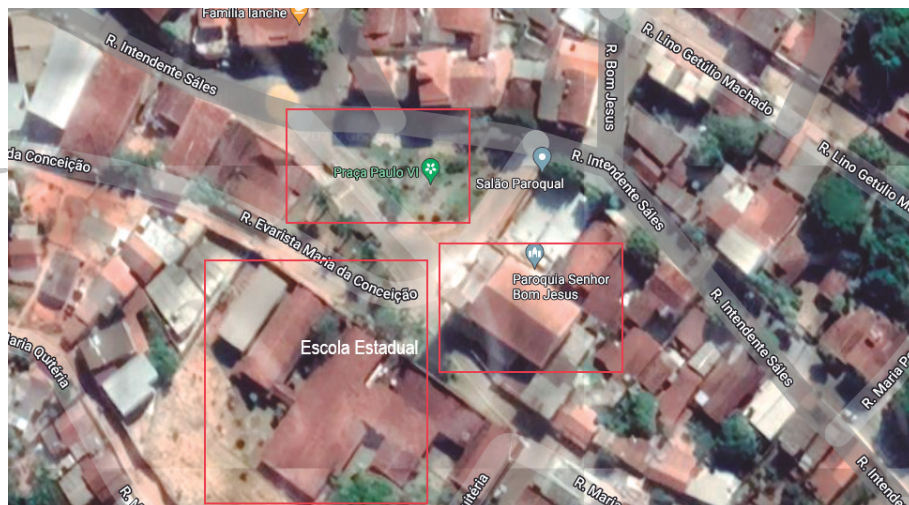




Figura 14 - Vista aérea do centro de Alpercata com pontos comerciais e serviços básicos
Fonte: Google Maps
Ano: 2021



Os espaços sociais caminham com a evolução da cidade: de início as pessoas andavam a pé, a cavalo ou de charrete. Os carros eram raros nos anos de 1940. De certo modo, tudo combinava com as primeiras casas, construídas de bambu e cobertas com sacos de cimentos e capim colonião. A atual rua Agenor de Andrade era chamada de “Principal” (figura 15), depois apareceram as ruas Antônio Sales, Vereador, Fani, Magalhães Pinto e assim por diante (figura 16).

Figura 15 - Políticos na Av. Azenor Andrade, mostrando poucas árvores, e o antigo ônibus da viação Torres

Fonte: Biblioteca Pública Municipal Prof. Maria das Dores Martins

Ano: Desconhecido



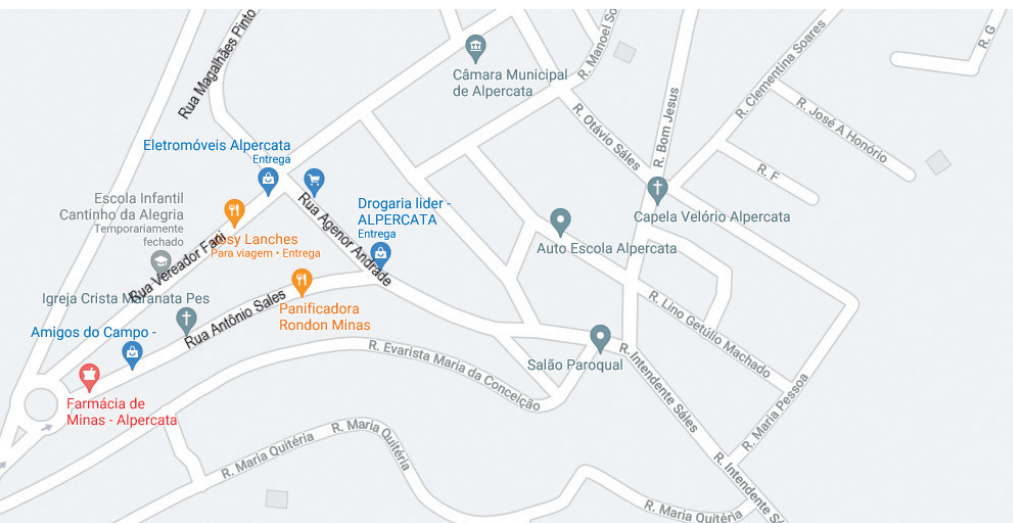


Figura 16 - Vista aérea do centro de Alpercata com as ruas iniciais
Fonte: Google Maps
Ano: 2021

A cidade então foi crescendo e se desenvolvendo com a melhoria da produção das fazendas: café, fumo, milho, cana de açúcar. Esses produtos tanto favoreciam os donos das terras como seus empregados. Um exemplo do intercâmbio entre o interior e a cidade é a rua Cristiano Flores que, por ser sombreada, era o lugar de feiras, encontros das pessoas, lugar para “estacionar” as charretes, ferrar os animais, entre outras atividades.

A modificação da cidade se dá então lentamente, seja a partir dos seus moradores, que lidam com comércio e pequenas indústrias na cidade, ou com a vida no campo, o surgimento de chácaras e a intensificação do trabalho nas fazendas. Outro elemento importante a se considerar é o fato de alguns de seus moradores decidirem ir para os Estados Unidos para construir um “patrimônio” e, aos poucos, começarem a investir na cidade na forma de novos imóveis ou empresas. Isso é algo a ser estudado ainda.

Você conhece alguém que foi para os Estados Unidos e começou a enviar dinheiro para a família em Alpercata? Ou, decidiu investir na cidade? Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



Muitas cidades começaram como Alpercata, isto é, o dono de grande extensão de terras direcionava uma parte para formar uma espécie de patrimônio comum, com um espaço reservado para a formação de uma vila onde morariam os trabalhadores das fazendas e os que poderiam prestar serviços dos mais diversos. Além disso, eram reservados espaços para praças, igrejas, escolas etc. Entretanto, como vimos acima, Alpercata está localizada num lugar privilegiado: terras férteis, ao lado de uma rodovia, perto de uma estação ferroviária e de um aeroporto (apenas 15 minutos), e o mais importante, foi um distrito aberto à imigração. Esses fatores influenciaram no que passou a ocorrer em seus últimos 80 anos.

Em síntese, vimos que, se de um lado, uma cidade fica marcada pela sua origem em relação às atrações que apresenta, ela também sofre a influência da paisagem, ou seja, do relevo onde está localizada (justaposição). No caso de Alpercata, ela se desenvolveu “respeitando” o lugar onde está, uma planície entre colinas. Em termos de sua evolução, este aglomerado urbano evoluiu desde os anos 1920, de uma densa floresta – inicialmente, até habitada por indígenas em parte nômades – para a instalação de povoados dispersos das inúmeras fazendas, até chegar a formar o centro urbano temporário com o Acampamento (1941-1943), mais tarde, organizado a partir da elevação à situação de Distrito em 1948, e, por fim, a efetivação de um Município em 1963. Mas, falta ainda falarmos um pouco mais das pessoas que habitaram e habitam Alpercata.

2.1 Os moradores: Origens e cotidiano

Quem mora ali? Como foi o crescimento populacional de Alpercata? De onde vieram as pessoas?

Em linhas gerais, Alpercata é uma cidade calma, com pouca violência. Vários testemunhos dão conta de que havia até uma “rua para brigar”, ou seja, não era permitido brigar em qualquer lugar.

O que você teria para nos contar sobre o Festival do Quiabo? Você reencontra amigos e familiares nesta festa? Conte para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



Você já foi à festa de Bom Jesus? Conhece alguém que tenha frequentado essa festa desde o início? Conte para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



armas de fogo. O mais importante, é que Alpercata foi e é uma cidade de boa convivência. Temos aqui o Festival do Quiabo no final de maio e o Jubileu do Senhor Bom Jesus no mês de setembro, que são sinais disso.

Por que Festival do Quiabo? Para responder a essa pergunta, podemos relacionar o Festival do Quiabo com outras festas em outras cidades. Por exemplo, nessa região, temos a Festa da Laranja em Teófilo Otoni. Na verdade, quase em todas as cidades têm um festival de alguma coisa. Em geral, estes “festivais” apresentam duas faces: uma volta para dentro, isto é, para valorizar o que a região produz e incentivar a convivência das pessoas, e outra para fora, a fim de promover seus produtos.

O Festival do Quiabo, evidentemente, não é só para vender quiabo, mas para vender também outras “coisas” que vão bem com o quiabo, como o frango, aliás, do quiabo se faz de tudo: cachaça, sorvete, picolé e muito mais. Contudo, como muito bem lembram as pessoas que moram em Alpercata, o Festival é uma oportunidade de encontros e reencontros das pessoas que moram aqui com as pessoas que hoje moram em outros lugares para onde migraram.

Nesse sentido, é bom lembrar que nos anos de 1990, Alpercata tinha uma população de quase 14.000 pessoas e hoje não chega a 8.000. Muitas pessoas foram morar em outros lugares, como em Governador Valadares, Mato Grosso, Rondônia e Estados Unidos. As pessoas parecem que têm coceira em baixo dos pés e precisam migrar, por outro lado, criam vínculos de amizade e sempre que podem, elas voltam para “o velho ninho”. O festival serve para essa reaproximação e, por isso, tem uma importância em termos dos laços de afetividade e sociabilidade da população.

Outra festa que merece a nossa atenção é a do Senhor Bom Jesus. Esse nome era lembrado por ser o nome da cidade, ou melhor do Distrito. A devoção ao Bom Jesus é muito disseminada em Minas Gerais, sendo talvez a devoção mais presente em todas as regiões de Minas, desde os anos de 1700. Certamente, ela veio com os portugueses e depois com os moradores que vieram da Zona da Mata, mas isso é um assunto a ser estudado. A primeira igreja feita de tábuas em Alpercata, foi dedicada a Bom Jesus.

2.2 As moradias: O uso de materiais e o interior

Como eram as casas? Vamos tomar um exemplo. A rua Evarista Maria da Conceição no início não era essa beleza que é hoje. Os antigos diziam que ali era um morro, com casas simples, cobertas de pa-



Figura 18 - Casa de fazenda em Alpercata (1957)

Fonte: IBGE

Ano: 1978

Pergunte aos seus pais e avós, como as casas antigamente eram construídas e conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



pelão e mesmo sacos de cimento, as mais “chiques” eram cobertas de sapé. No mais, as construções (figura 18) foram evoluindo com o passar do tempo e com as condições financeiras dos moradores. Algumas casas eram simples, de chão batido com paredes de pau a pique e cobertas do que fosse o mais conveniente: tábuas, sapé, telhas etc.

As moradias não são apenas a sua fachada externa. Vamos fazer um exercício de imaginação e “entrar” numa dessas primeiras casas do final dos anos de 1940 e início de 1950. Vamos tomar como exemplo uma casa mais arrumadinha e não um simples barraco temporário. O que encontramos ali? Se comparado com hoje em dia, temos poucas coisas. Fogão a lenha, uma mesa de madeira com uma toalha simples, bancos de madeira, camas simples com colchão de palha, cobertores e lençóis simples, na maioria das vezes, não tinha uma sala para receber visitas – era tudo na cozinha –, ao redor das casas tudo bem limpinho e varrido, algumas casas eram de tábuas e outras de pau a pique. Nos armários pouca louça e talheres, alguns copos e nos guarda-roupas – quando existiam – apenas umas peças de roupa que se dividiam entre as de domingo e as de trabalho, ou da semana. Nem vamos falar do tanque para lavar a roupa, que de início com a água dos poços artesianos, mais servia para sujar do que para lavar. *“A vovó lavava tudo com sabão em barra, algumas vezes feito de cinza”*. Quanta diferença das casas de hoje em dia! Temos mais de 50 tipos de sabão: em pó, líquido, em barra, e muitos tipos de “cloros”.

Certamente, um lugar especial era a cozinha, onde além das panelas e utensílios, como colheres grandes e garfos, temos, por cima do fogão, a linguiça sendo defumada. Era o lugar para receber os amigos e amigas. Os animais entravam e saíam à vontade, eram de casa. Outra coisa importante, boa parte dos alimentos eram produzidos no quintal de casa, sem processamento, muitas casas possuíam uma horta, galinhas e animais de pequeno porte.

Um fato interessante: não havia banheiro dentro das casas e as pessoas usavam o espaço ao redor das casas para suas necessidades. Mesmo em uma cidade de grande porte para a época, como Governador Valadares, começou-se a considerar aspectos da higiene pessoal e o uso do banheiro apenas nas décadas de 1940 a 1960. Ainda assim, boa parte da população que possuía algum tipo de fossa no fundo do quintal, considerava desnecessário e preferia guardar arreios ou criar galinhas naquele espaço. De um modo em geral, o banho era tomado na bacia e o pai era sempre o primeiro a se banhar. Não havia muita preocupação com a higiene dos alimentos e, muitas vezes a água do banho da família era jogada na horta. A vida era bem simples!

A partir de agora, vamos imaginar que estamos entrando nesta mesma casa 70 anos depois: quanta diferença! Neste tempo, os móveis mudaram, entrou o rádio – pode ser que algumas casas já o tivessem nos anos 1940 – a TV, os equipamentos novos, o fogão a gás, elétrico e até o micro-ondas. O banheiro que era fora da casa, agora está dentro de casa. Armários cheios de copos, pratos, talheres e coisas assim. A mesa tem cadeiras, enfeite no meio dela e uma toalha chique. Algumas casas têm até uma sala de visitas, com sofá e mesa de centro. Aliás, pode ser que a TV, que no início ficava apenas na sala, esteja também na cozinha e até no quarto. Chegou a geladeira, com todas as suas vantagens, e algumas casas têm ainda freezer. Pode ser que muitos deem um jeito de ter uma churrasqueira, mesmo que seja pequena, para um churrasquinho de vez em quando. Se não tem dinheiro para comprar um ar condicionado, pelo menos um ventilador quase todo mundo tem. É claro que quase nada disso é possível sem a energia elétrica. O material com que as casas são feitas também foi mudando, de tábuas ou pau a pique, agora temos concreto armado, tijolos, cimento, lajotas que imitam mármore, lajotas de granito e por aí vai.

Pergunte aos seus pais e avós como foi a chegada da televisão em Alpercata? O que mudou? Como se deu a mudança na cozinha com os novos equipamentos e eletrodomésticos? Como sua avó cozinhava quando era mocinha e como cozinha agora? E a construção das casas? Que tipo de materiais são os mais usados? Como foi a história do banheiro na casa dos seus pais e avós? Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



Figura 19 - Crianças que faziam parte da Pastoral, esq./dir.: Adriana e a coordenadora da Pastoral da Criança em Alpercata - Zenalda Dias

Fonte: Acervo pessoal de Zenalda Dias

Ano: Desconhecido

É importante considerar que, apesar desses avanços e modernidades, alguns hábitos de higiene ainda não haviam sido aprendidos e outros cuidados com a saúde também não faziam parte do cotidiano de muitos alpercantenses. Os cuidados com a higiene pessoal eram importantes para diminuir o adoecimento e até a morte, tanto das crianças quanto dos adultos. As mortes ocorriam por causa das vermino-





Figura 20 - Cleber Alves fazia a pesagem das crianças

Fonte: Acervo pessoal de Zenalda Dias

Ano: Desconhecido

Pergunte aos seus pais e avós como eram as roupas antigamente? O que se usava em Alpercata no dia a dia? Qual era a roupa usada para ir às festas, à igreja, à escola? Como se vestiam as meninas, as moças, as senhoras, as idosas e as viúvas? Como os homens se vestiam? Onde as roupas eram compradas ou quem as costurava? Que tipo de tecido era o mais utilizado? De onde o tecido vinha? Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



ses, pela falta de vacinação em crianças e adultos, falta de pré-natal e cuidados básicos com a saúde, e, até mesmo, pela desnutrição. Todas essas questões começaram a ser trabalhadas somente no início dos anos 2000 pela Pastoral da Criança (figuras 19 e 20).

Duas coisas caminharam juntas: o aumento do conforto e dos custos disso tudo. As mudanças foram tantas e de tal maneira que as pessoas mais jovens se admiram com o modo pelo qual os “antigos” moravam e conseguiam viver naquele tempo. Com a chegada da energia elétrica vieram muitos “convidados” e com eles os custos, tais como citamos acima, a geladeira, a torradeira, o chuveiro elétrico, o fogão elétrico... e não foi só isso que mudou: o modo como lidamos com os móveis, por exemplo, mudou muito. Um século atrás, a mesa, a cama e os bancos viviam com as pessoas quase toda a vida delas; hoje em dia, não é raro que as pessoas troquem de móveis mesmo quando eles ainda estão bons. A principal diferença dos “tempos antigos” com os “tempos modernos” certamente é que tudo ficou passageiro, dura por um tempo pequeno e logo precisa ser trocado.

Assim como as nossas roupas mudaram ao longo do tempo, seja pela moda, seja pela qualidade, assim também mudaram as moradias e a cidade.

Como é que as pessoas construíam as suas casas? Isso certamente mudou ao longo desse século de existência de Alpercata. As primeiras cabanas construídas por Manoel Florentino Lopes, e posteriormente Gabriel Lopes⁴, no meio da mata, depois de abrir uma picada a facção, não deviam ser mais que uns troncos encostados uns nos outros cobertos de folhagens. É a casa mais “chique” depois das cavernas, pois era o que se podia fazer inicialmente. Mais ou menos do mesmo modo, as pessoas construíam as casas ajudando uns aos outros na forma de mutirão. Cada um trazia a sua colaboração, uma vez que todos

⁴Por volta de 1926, chegaram ao lugar Manoel Florentino Lopes com sua família, e depois, Gabriel Lopes

sabiam, como fazer uma casa de tábuas ou de pau a pique. Isso tinha um efeito muito grande para a comunidade: todos se sentiam amigos. Os vizinhos eram até mais que irmãos.

As casas de hoje em dia são feitas a partir de planejamento de arquitetos e construídas por equipes especializadas em cada uma de suas partes: elétrica, hidráulica, cobertura, aberturas, alvenaria, encanamentos, acabamento, pintura etc. Houve época em que uma pessoa fazia tudo, do início ao fim. Muitas pessoas compram as casas prontas e vão se encontrar com os vizinhos no dia da mudança; é um outro estilo de vida.

Depois do Acampamento, em 1943 mais ou menos, as construções foram distribuídas de modo aleatório, bem como os arruamentos. Provavelmente, as “ruas” eram as que o Acampamento tinha estabelecido para as barracas dos operários. Foi com o prefeito Arnóbio, em 1963, que houve a terraplanagem, a construção de ruas e calçadas e assim por diante, já dentro de uma ação da prefeitura. Vendo o mapa da cidade, podemos observar isso pela forma irregular da organização das ruas que de algum modo respeitou a ocupação do espaço do Acampamento tal como ele estava.

As casas, como se pode facilmente imaginar, foram sendo construídas do jeito que dava e sabia-se, como no caso dos barracos da rua Evarista; outras casas foram feitas de madeira – resultado da devastação das florestas – e mais tarde, de alvenaria.

Aos poucos as construções também precisam ser reformadas ou trocadas. É interessante observar o sentimento que as pessoas tinham, por exemplo, pela praça Paulo VI, que foi construída com muito esforço e num lugar mais elevado, onde as pessoas se acostumaram a conviver e a festejar. Quando a prefeitura decidiu “reformular” a praça,

muitas pessoas ficaram sentidas. O mesmo vale para a igrejinha católica inicial, que era de tábuas e certamente foi feita com muito sacrifício pelos primeiros moradores com aquilo que tinham e podiam. Quando ela foi desmanchada para a construção da nova (figura 21), muitos sentiram como se tivessem destruído a própria casa. As casas e a cidade não são apenas um lugar que está aí diante de nós, elas são partes de nossas vidas e a destruição ou a melhoria delas são sentidas como se fossem partes de nós sendo transformadas. Na verdade, não estamos fora de nossas casas, estamos de algum modo sempre dentro delas e elas dentro de nós.

Figura 21 - Paróquia Senhor Bom Jesus
Fonte: Diocese de Governador Valadares
Ano: Desconhecido

Pergunte aos seus pais e avós se eles se recordam das mudanças ocorridas na praça Paulo VI? Como eles perceberam a transformação das casas em Alpercata? Conte para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



2.3 Gente que vem e gente que vai

Como dissemos anteriormente, em 1940, época da construção da BR-116, o número de moradores era bem pequeno. Meio século depois, chegava perto de 14.000, e hoje oscila entre 7 e 8 mil habitantes. Por que isso ocorreu? Explicar o motivo pelo qual as pessoas passaram a “gostar” de Alpercata não é uma tarefa fácil. Pode ser que cada um teve lá seus motivos pessoais. Para quem chega de fora, dois lugares podem indicar quem foram ou são os moradores de Alpercata: as ruas e o cemitério.

O nome de cada rua é uma forma de homenagear as pessoas que a cidade ou a comunidade consideram importantes. Com isso, temos políticos como Magalhães Pinto, Vereador João Assunção, por exemplo; temos homenagens às famílias como é o caso das ruas nomeadas com os sobrenomes Soares, Alves Pereira, Sales, Fani; os estados e cidades do Brasil também são lembrados nas ruas de nome Sergipe, Amapá, Paraíba, Acre, Belo Horizonte; santos como Bom Jesus e São Simão também foram utilizados para nomear as ruas. Isso só para dar alguns exemplos.

O sobrenome das famílias é uma excelente marca para saber de onde vieram as pessoas. Assim, sobrenomes como Dias Lopes, Martins, Ferreira, Alves Pereira, Marcolino, Bento, Belmiro etc. podem ser identificados com famílias da Zona da Mata. Por que vieram? Não temos uma explicação simples. Pode ser que as terras daquela região não fossem tão produtivas, que as famílias já numerosas não tinham mais meios de sobrevivência com a terra que possuíam, que as pessoas estivessem mudando também de modo de vida, deixando o campo pela cidade e assim por diante.

Chama a atenção também o grande número de sobrenomes italianos presentes na cidade: Amadeus, Capucci, Corbelle, Contin, Fanni, Montinni, Moretto, Nalon, Reniere, Tolomeu, Zanella, Zoócoli e Lombardi. Os nomes revelam que eles vieram, originalmente, de diver-

Você sabe de onde veio a sua família? Por qual motivo ela se estabeleceu em Alpercata? Conhece alguma família que veio de outra região? Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



Você conhece alguma
pessoa ou família que
tenha se mudado de
Alpercata?
Para onde foi?
Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



sas regiões da Itália. No caso, podemos dizer que eles são os migrantes de terceira leva. Primeiro vieram da Itália para o Espírito Santo e para Minas Gerais; depois de um tempo, eles migraram para a região de Ituetá, dali, vieram para a região de Governador Valadares e, com isso, para Alpercata. Como não é difícil de imaginar, esses migrantes trazem consigo uma riqueza cultural que faz com que Alpercata seja rica em manifestações artísticas e arquitetônicas.

Um estudo interessante seria o de investigar como os primeiros moradores acolheram os que vieram depois, e os motivos pelos quais tantas pessoas, ao longo dos anos, mudaram para Mato Grosso, Goiás, Pará e Estados Unidos, por exemplo.

2.4 Um povo trabalhador: Da fazenda para a cidade

A sede da cidade reflete, de certo modo, o que acontecia em todo o território do município ao longo do tempo. A situação do município ajuda a compreender as mudanças em seus aspectos econômicos. O município de Alpercata faz divisa com Governador Valadares, São Geraldo do Tumiritinga, São José do Acácio, Fernandes Tourinho, Engenheiro Caldas e o Rio Doce. Excluindo Governador Valadares, todas essas municipalidades têm uma história semelhante à de Alpercata, que tem a vantagem de estar próxima de um centro urbano e possuir inúmeras vias de comunicação viária. Um estudo interessante seria também investigar como surgiram os diversos bairros e como eles se relacionam com a sede.

De um certo modo, a BR-116 (figura 22) divide o território do município em duas partes desiguais, sendo que quatro quintos do município ficam à margem direita da rodovia e o restante à margem esquerda. A extensão da área do município é de 166 km quadrados. Para a gente ter uma ideia, é como se fosse um quadrado de 12 por 13 quilômetros. O centro da cidade está a 330 quilômetros de distância de Belo Horizon-

te e a 250 metros acima do nível do mar. Basicamente a parte urbana divide-se em Distrito Sede e bairros. Mas, cabe indicar que Alpercata conta com diversas vilas menores em seu interior. A temperatura mínima já registrada foi de 5,3 °C, em 1º de junho de 1979, e a máxima foi de 38,4 °C, em 4 de outubro de 2000.



Figura 22 - Vista esquerda da Rodovia Santos Dumont
Fonte: Acervo pessoal de Márcio Mello
Ano: 2019

Como foi sinalizado acima, Alpercata deve sua origem, pelo menos em termos de sua Sede, ao Acampamento dos funcionários que construíam a BR-116, no início dos anos de 1940. Ao que se sabe, o traçado original da rodovia cascalhada passava por onde é agora a Sede de Alpercata, mas por ocasião de seu asfaltamento, 23 anos mais tarde, o traçado foi alterado para onde a rodovia está atualmente. Provavelmente esta mudança ocorre pelo fato de o Acampamento ter sido “povoado” nesse entretanto e, alguns anos mais tarde de sua desocupação, isto é, em 1948, Alpercata tornou-se Distrito de Governador Valadares e a infraestrutura do Acampamento, passou a ser a Sede do Distrito. O terreno onde está a sede foi doado ao Distrito, indiretamente à prefeitura de Governador Valadares, pelo proprietário. Não se tem informação quanto ao tipo de acordo que a empresa que construía a rodovia fez com o então proprietário do terreno. Talvez aluguel temporário ou mesmo desapropriação.

Em linhas gerais, podemos dizer que a exploração das matas, se inicia em 1926, e as primeiras atividades foram certamente relacionadas com a madeira. As informações que se tem dão conta de que as fazendas lidavam com canaviais, produzindo, dentre outras coisas, rapadura, cachaça e cana de açúcar. Não podemos nos esquecer que a CARDO (Companhia Açucareira Vale do Rio Doce), foi fundada exatamente em 1948 e chegou a produzir 33 toneladas de açúcar e 10 mil litros de álcool por dia. Ela era realmente uma devoradora de cana de açúcar. Por falar nisso, a ponte São Raimundo foi construída no início dos anos de 1940, por ocasião da própria BR-116. Neste sentido, pode-se facilmente entender que as fazendas de Alpercata não plantavam cana só para fazer pinga.

Ao mesmo tempo, as fazendas de Alpercata, como muitas outras do Vale do Rio Doce, produziam também leite, queijo, requeijão, sendo então uma preparação para a vocação pecuária desta região. As áreas

baixas, bastante férteis, proporcionavam excelentes colheitas de arroz, de tal modo que um dos primeiros tipos de máquinas a existir na região foi exatamente as usadas para o descascamento e limpeza do grão. Por diversos motivos, e talvez pela política do Governo Federal já neste século, de garantir a compra de produtos agrícolas para a merenda escolar, desenvolveu-se em Alpercata a produção de hortifrúti, tendo como exemplo, a grande produção de quiabo. A localização próxima de Governador Valadares explica também o motivo pelo qual esses produtos passam a ser cultivados em maior escala.

A boa produção de milho permitiu também a presença de moinhos para processar o fubá. De um modo geral, o processo de funcionamento era através da troca: o produtor trazia o milho e levava uma porção de fubá; a medida era feita ainda na forma de “quarta”, mais ou menos o volume de 10 litros. Evidentemente, o pagamento era feito na forma de desconto: por exemplo, o produtor entregava uma quantidade de milho, e levava uma quantidade de fubá, e a diferença ficava para o “moinheiro” em troca do serviço. Como não havia energia elétrica, os maquinários eram a diesel.

Nestes anos de 1940, havia também boa produção de café. Diz-se que um dos motivos para a construção da ferrovia Vitória a Minas era também para transportar o café que se produzia no vale do Rio Doce. Com isso, o Homero Mello instalou uma máquina para limpar o café. Sobre esse ilustre morador, sabe-se que a praça Homero Mello foi construída em homenagem ao delegado da Polícia Civil Homero Mello, nomeado pelo Governador do Estado de Minas Gerais, exercendo esse cargo em Alpercata durante muitos anos.

Devemos lembrar que as fazendas nesta região, do final do Século XIX e pelo menos até os anos 1950, eram centros de produção de diversos produtos de origem animal: leite, queijo, carne, ovos etc.

E ao mesmo tempo, produtos como milho, feijão, arroz, fumo, açúcar e farinha de mandioca. Em parte, esta produção era destinada aos próprios funcionários, e a maior parte era vendida para comprar o que a fazenda não produzia e necessitava, como o sal, a roupa e os equipamentos. É muito provável que as fazendas alocadas no território de Alpercata fossem assim.

Graças à fertilidade da terra e à proximidade dos mercados, atualmente Alpercata produz uma grande quantidade de produtos tais como legumes, batata doce, abóbora, tomate, jiló e o famoso quiabo que é o símbolo da cidade e está até no brasão do município.

2.5 Água, luz, ruas, praças e arborização: agora sim uma cidade

A cidade de Alpercata pode ser compreendida como uma cidade que se desenvolveu sem um planejamento prévio, mas nem por isso é uma cidade desorganizada. Ela pode ser considerada uma cidade “isolada”, isto é, tem um limite urbano onde termina a cidade. O que nem sempre acontece em outros lugares, em Belo Horizonte, por exemplo, a gente passa de uma cidade para outra e nem notamos: da capital para Contagem, ou da capital para Betim, são cidades que se emendam. O mesmo vale para os grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Isso afeta muito a administração, pois, há uma mudança na forma de tratar os meios de transporte público, uma vez que a responsabilidade se transfere do município para o Estado, como é o caso dos trens. Outro aspecto importante é o processamento do lixo, em Alpercata a situação do lixo não difere da maior parte das cidades brasileiras, que mantêm depósitos de lixo sem qualquer tratamento.

Você sabe sabe para
onde vai o lixo
de Alpercata?
Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



As datas mais importantes da cidade de Alpercata nos dão uma indicação sobre a sua formação. Se nos atentarmos para a data de 1926, marcando a chegada dos primeiros pioneiros, até 1940, podemos considerar que a evolução da área foi lenta e praticamente no sentido de formação de fazendas. As pessoas que moravam no que é hoje o município de Alpercata, certamente, viviam junto às fazendas formando pequenas vilas, cultivando milho, feijão, fumo (figura 23) e, mais tarde, a cana de açúcar. O salto mais importante depois disso foi em 1940, com a formação do Acampamento para a construção da BR-116. Lembramos que essa construção ocorreu sem contar com a tecnologia que temos hoje.



Figura 23 - Sr. José Luiz na Fábrica Artesanal de Fumo na Zona Rural em Alpercata
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: Desconhecido

A antiga Rio Bahia, que era cascalhada e passava antes do Acampamento, podemos assim dizer, foi a primeira rua de Alpercata. Quando, em 1943, a empresa desfez o acampamento, certamente ficaram as “marcas”, e foi em cima delas que cinco anos mais tarde, em 1948, o Distrito de Bom Jesus do Novo Cruzeiro “organizou” o seu traçado urbano. Neste tempo, o terreno do Acampamento foi doado para a formação do Distrito. Mas, a formação de uma fisionomia urbana deveu-se à ação do primeiro prefeito Arnóbio Vieira de Andrade, a partir de 1963. Houve nessa época, a regularização dos lotes doados e muitos deles já habitados. Além da “arrumação” dos lotes – aplainar e organizar as ruas – esse prefeito iniciou a construção da praça Paulo VI, e do ginásio Nossa Senhora de Fátima, que depois teria o nome de Escola Estadual Terezinha Pinto Fernandes Maia. Quase 30 anos depois, iniciada na gestão de Edson Sá e concluída na gestão de Carlos Fani, surge uma segunda praça: a Homero Mello.

Um olhar, mesmo que desprezioso, sobre o atual traçado revela que, em síntese, a cidade “sofreu” duas marcas, uma foi a do Acampamento e sua ocupação com pouco planejamento, e outra foi a influência daquilo que os urbanistas chamam de justaposição. Assim, logo após a saída do Acampamento e a “doação” dos lotes, houve o que podemos chamar de “ocupação espontânea”, isto é, sem um planejamento prévio do estabelecimento das ruas e tudo o mais. Vinte anos mais tarde, por ocasião do asfaltamento da BR-116, onde estivera o Acampamento, se estabeleceu um Distrito e, em seguida, a sede de um município. Em vista disto, temos o novo traçado da BR-116, passando ao lado do perímetro urbano.

Contudo, as cidades não são só praças e ruas. Elas são essencialmente um lugar onde moram pessoas. Para citar um exemplo de como as pessoas “habitam” a cidade, temos a igreja de Bom Jesus, que de início foi construída bem simples e hoje é um edifício moderno. Esta

Você conhece a história dos times de Alpercata? Sabe alguma coisa sobre os campeonatos e os craques que se destacaram no futebol? Conte essa história!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



construção mostra não só como a religiosidade é importante para as pessoas, mas também como a cidade foi evoluindo. Isso também vale para as moradias.

Alpercata, assim como outras cidades da região, não escapou da febre do futebol, tanto que a cidade conta com dois campos de futebol, um no bairro Cidade Nova e outro em Era Nova.

Certamente as escolas e as igrejas são “monumentos” que destacam os valores da comunidade, mas o lugar onde as pessoas moram também tem seu valor. Muitas ruas foram abertas ou “regularizadas” a partir da segunda metade dos anos de 1950. Nesse sentido, devemos lembrar que Alpercata passa a ser Distrito em 1948 e com isso alguns edifícios públicos começam a ser construídos, seguindo uma “legislação” quanto às ruas e calçadas. A rua inicialmente conhecida como “Precatinha”, que depois veio a chamar-se Magalhães Pinto, e a rua do Cajá, que passou a ser chamada de Cristiano Flores, eram de terra com cascalho, mais tarde elas receberam o meio-fio, as calçadas e, por fim, foram asfaltadas, como observamos hoje.

Um espaço que merece atenção é o Cemitério (figura 24). Esse lugar não é apenas um espaço para sepultar os mortos, é também um lugar de memória e de representação, uma vez que pelos túmulos as pessoas mostram quais são os valores em que acreditam. O Cemitério é sempre um elemento importante da história de uma cidade. É lá que repousam os entes queridos dos alpercatenses.



Figura 24 - Vista superior avistando o Morro do Cemitério ao centro, e a Rodovia Santos Dumont

Fonte: Acervo pessoal de Márcio Mello

Ano: 2019

Do ponto de vista da ecologia, uma história a ser contada é a do córrego, sendo o primeiro nome a designar Alpercata: Córrego do Esgoto! Aliás, até hoje esse córrego não foi canalizado. Aqui, vale a pena uma reflexão: como Alpercata começou sem um planejamento urbano, houve a canalização da água, mas falta ainda fazer a coleta adequada do esgoto⁵ e melhorar a canalização da água pluvial. Isso implica num constante processo de cavar as ruas, implantar a canalização e refazer as ruas. Um trabalho que leva anos a fio, tudo isso para desenvolver a infraestrutura da cidade.

Muitas vezes, é mais fácil uma cidade conseguir comida do que água. Alpercata em seu início contou com água dos poços artesianos, que na memória de muitos, era uma água suja e não servia nem para lavar roupas. No início dos anos 1980, a COPASA – Companhia de Saneamento de Minas Gerais – passou a operar em Alpercata na captação de água. O fornecimento de água tratada nas últimas décadas se estendeu também para os bairros do Acampamento e Vila Eugênio Franklin, assim como nos outros bairros. Em 2002, a COPASA começou os trabalhos em Era Nova. Alpercata faz a captação de água direto de Governador Valadares, por meio do Rio Doce, a água é trazida por tubulações até a cidade, e posteriormente é distribuída para os bairros.

*Você sabe como é feito
o tratamento da água e
do esgoto de Alpercata?*

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



⁵ETE - Estação de Tratamento de Esgoto, é a unidade operacional do sistema de esgotamento sanitário que através de processos físicos, químicos ou biológicos removem as cargas poluentes do esgoto, devolvendo ao ambiente o produto final, efluente tratado, em conformidade com os padrões exigidos pela legislação ambiental

Um aspecto interessante em Alpercata é a constituição das lojas, armazéns, açougues e comércio de modo geral. Inicialmente, nos anos 1950, esses lugares eram os espaços onde as pessoas se encontravam. De certo modo, assim como as praças, as lojas e armazéns promoviam interação social, uma vez que os indivíduos compravam o que precisavam e conversavam com os demais, “proseando” com os conhecidos para saber das novidades.

O modo de vender numa daquelas vendas era bem diferente do modo como funcionam os supermercados na atualidade. Vale a pena conversar sobre isso. Quem estuda sobre esse assunto afirma que a maior parte das cidades brasileiras se desenvolveu a partir das esquinas. Uma esquina tem um bar, a outra uma farmácia, a outra uma vendinha e assim por diante. Essas esquinas, muito mais do que “vender” coisas, representavam um lugar para as pessoas se encontrarem. Parece que só com a chegada da TV e das novelas, é que as pessoas passaram a ficar mais em casa e abandonaram o hábito de sair e de fazer visitas. Esse também é um assunto importante para uma cidade que quer ser morada de gente.

As pessoas mais antigas afirmam que a cidade tinha vários “lugares” de encontro tais como o cartório, as lojas de tecidos, os armazéns, as lojas de ferramentas, de arreios e produtos para o trabalho no campo. Desses lugares de encontro, destaca-se o Armazém da Regina (figura 25), pela diversidade e excentricidade, lugar onde as pessoas podiam comprar de fumo a facção, todos os tipos de alimentos e de bebidas, de cachaça a xarope para a tosse.

A cultura brasileira tem ainda hoje no campo do comércio forte influência portuguesa, e esses, por sua vez, foram influenciados pelos árabes. Por isso, muitas vezes, as lojas além de fornecer os produtos, se constituem esses lugares de encontros. Assim, todos estes tipos de lojas, oficinas, farmácias etc. acabam por organizar o mundo das relações entre as pessoas.



Figura 25 - Armazém Regina do sr. Jaider Monteiro, erq. para direita: Alencar, Zé Monteiro e Nilton Pio
Fonte: Acervo pessoal Maria das Graças Salvador Araújo
Ano: Desconhecido

Na sua família as
pessoas se tratam com
remédios caseiros?
Quais? Ou, preferem
comprar somente
remédios feitos em
laboratórios?
Conte para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



Uma curiosidade é que em Alpercata, em tempos passados não havia padaria, e o pão tinha que vir de Governador Valadares, o que era bem dificultoso, já que a estrada era ruim, e não tinha automóveis como se tem hoje.

Um outro tipo de serviço importante são os relacionados com a saúde. Apesar dos moradores de Alpercata fazerem uso de medicamentos tradicionais, como chás, raízes e folhas, eles não são encontrados nas farmácias.

Cidade também é comunicação. No início dos anos 2000 Alpercata tinha uma Rádio Comunitária (figura 26), que veiculava programas voltados para a conscientização da população, especialmente, das mães para combater a desnutrição infantil. Um exemplo foi o programa Criança Viva, apresentado por Cleber Alves, aos Domingos, pela manhã.



Figura 26 - Rádio comunitária para Pastoral da criança – eq./dir.: Zenalda Dias, Cleber Alves e Sebastião
Fonte: Acervo pessoal de Zenalda Dias
Ano: Desconhecido

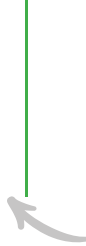
Você saberia nos contar quais são os veículos de comunicação disponíveis em Alpercata? Tem ou teve outras rádios?

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência



Nos anos 1990, havia apenas um telefone na cidade antes da chegada da Embratel: o telefone da dona Olinda (figura 27). Já imaginou a diferença! Hoje quase todo mundo tem um celular!

Figura 27 - O 1º Telefone de Alpercata pertencente ao senhor Hortêncio Salvador e dona Olinda
Fonte: Acervo pessoal da Maria das Graças Salvador Araújo
Ano: Desconhecido



Alguém da sua família já precisou usar o telefone da dona Olinda? Você conhece alguma história relacionada a esse telefone?

Se você lembrar de mais alguma coisa, escreva para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



Enfim, a vida em Alpercata foi se transformando ao longo desse século, desde o primeiro momento de seu povoamento. Há vários elementos que podem se referir a esse processo de urbanização.

CAPÍTULO 3 |

Referências culturais:

Cultura e cotidiano em Alpercata

Alpercata, como vimos, é uma cidade que se constituiu a partir de inúmeras memórias. Os vários testemunhos do seu surgimento, das primeiras ruas, de seus antigos moradores, do desenvolvimento de sua infraestrutura, do seu comércio e do modo de viver de seu povo fez com que a cidade desenvolvesse uma identidade própria. Tudo isso faz dessa cidade um lugar único e especial para todos os seus moradores. Todo o percurso que levou Alpercata a ser a cidade que é hoje está repleto de preciosidades que devem ser valorizadas e resguardadas. Elas são as referências culturais dos alpercatenses.

Mas, você pode estar se perguntando: afinal, o que são referências culturais? As referências culturais são aqueles elementos da nossa vida social que valorizamos e atribuímos um significado especial. Elas fazem de nós o que somos, ou seja, nos identificam. Assim, quando falamos das referências culturais de Alpercata, estamos falando das suas festas, dos lugares que a população valoriza e confere um significado, daquelas coisas que são feitas na cidade de um modo que ninguém mais faz e também dos saberes de alguns de seus moradores. Podemos considerar essas referências a partir de cinco categorias: celebrações, formas de expressão, lugares, objetos e saberes.

Por celebrações, podemos compreender aqueles festejos que ocorrem de modo mais elaborado, são mais solenes e possuem um ritual, com gestos que se repetem em datas e lugares específicos. As celebrações podem ter uma característica religiosa, política, militar, educacional, científica, familiar etc. Em geral, elas contribuem para reforçar os laços de solidariedade da comunidade e a identidade coletiva. À medida que são repetidas ao longo do tempo, tornam-se tradições que acabam dando ao lugar onde ocorrem, um novo significado.

As formas de expressão podem ser entendidas como um conjunto de palavras, de gestos ou movimentos corporais que dizem algo para as pessoas daquele lugar. Podem assumir uma forma de linguagem escrita, visual, oral ou artística. Podemos citar como exemplo, o artesanato, as danças, os ditados, as lendas, as orações, os cânticos, as expressões regionais, as encenações, as gírias etc. São elas que nos levam a diferenciar uma cidade da outra. Veja bem, Alpercata pode ter seus próprios mitos, ditados, gírias, dizeres, benzeduras e práticas medicinais; pode ter também um artesanato específico ou, até mesmo, uma dança típica e elementos folclóricos.

Os lugares são aqueles espaços que percebemos e pelos quais desenvolvemos um afeto. Eles possuem um significado. Pode ser uma casa, uma rua, uma praça, uma floresta, uma mata, uma gruta; enfim, são nestes lugares significativos que as celebrações ocorrem. Eles podem ser divididos em várias categorias, como por exemplo, lugares de devoção, lugares de sociabilidade e lugares de cultura.

Outra categoria importante das referências culturais são os objetos. Eles podem ter uma função ou ser apenas artísticos. Podem ter sido feitos por pessoas do povo ou por artistas. O importante é que eles tenham um significado para a comunidade. Alguns deles acabam se tornando uma referência (um símbolo) devido a sua história e à memória que carregam, ligando-os a cidade, pode ser uma pedra, um vaso, um utensílio doméstico, uma escultura etc.

Enfim, temos os saberes que podemos entender como uma forma de produzir algo ou uma técnica. Eles se vinculam tanto àqueles saberes cultos, quanto àqueles populares. Boa parte deles surge das experiências que os moradores elaboram a partir do que vivem em seu ambiente, expressando de que forma podem se apropriar do seu território.

Agora que vimos cada uma das categorias, você pode estar se perguntando: por que é importante valorizar e resguardar essas referências culturais? Bom, de modo bem direto, podemos dizer que as referências culturais abrigam a memória de uma cidade e suas tradições. Você já percebeu que sempre reclamamos de como o tempo tem passado rápido? Vivemos um tempo acelerado, o tal tempo da pós-modernidade, onde tudo se transforma muito rapidamente.

Sem resguardar nossas referências e tradições de um tempo passado, teremos somente um presente que muda velozmente. Resguardar elementos do passado e preservar a nossa memória nos dá uma sensação de que estamos ancorados em valores e fatos que nos identificam e nos confortam. Eles nos dizem quem somos, de onde viemos e com quem nos identificamos. Alguém sem passado e sem memória vive num vazio. O mesmo acontece com as cidades. Para não se tornar um vazio de referenciais, a cidade deve valorizar, promover e preservar sua história, as memórias de seu povo e, por conseguinte, suas referências culturais. É dessa forma que seus moradores poderão desenvolver um forte sentimento de pertencimento e perpetuarão seus laços de solidariedade, alinhando as pessoas com cada lugarzinho da cidade.

Portanto, compreendemos que cada uma das referências culturais é como uma relíquia que guarda práticas cotidianas de um tempo passado, e tradições que precisam ser passadas às gerações futuras. Por isso, o que vamos indicar neste capítulo é apenas algumas dessas referências. Nosso convite é para você, que se sente parte da história de Alpercata, participar desse levantamento. Todos podem ajudar a levantar a memória e a cultura que está presente no cotidiano da cidade.

Algumas referências culturais de Alpercata

A. CELEBRAÇÕES

O DESFILE DE 7 DE SETEMBRO

O desfile de 7 de setembro começou a ser realizado em 1970 (figuras 28 e 29), quando a Escola Estadual era dirigida pelo Sr. José Marçal que organizou essa atividade. O primeiro desfile foi grandioso e considerado por muitos moradores como uma festa muito bonita. Os desfiles não ocorrem mais, entretanto, permanecem na memória de muitos alpercatenses.

Figura 28 - Desfile de 07 de setembro – E. E. Terezinha P. F. Maia
Fonte: Prefeitura Municipal de Alpercata – Secretaria de Educação
Ano: 1970



Figura 29 - Desfile de 07 de setembro – E. E. Terezinha P. F. Maia, passando pela rua Praça Paulo VI
Fonte: Prefeitura Municipal de Alpercata – Secretaria de Educação
Ano: 1971



O ANIVERSÁRIO DA CIDADE

O aniversário de Alpercata é comemorado, oficialmente no dia 1º de março, data que Alpercata deixou de ser subordinada à cidade de Governador Valadares. Todos os anos as comemorações iniciam pela manhã e se estendem ao anoitecer, com barraquinhas, prestação de serviços para a comunidade e atrações musicais.

JUBILEU DO SENHOR BOM JESUS

O Senhor Bom Jesus é o padroeiro de Alpercata. A celebração do seu Jubileu completa em 2021 trinta e oito anos de comemoração. A festa se realiza no início do mês de setembro e termina no dia 14, dia do padroeiro. Durante dez dias, há missas diárias. No primeiro dia, há uma alvorada com procissão e missa solene. Nos dias seguintes, são feitos barraquinhas, leilões, bingos e shows. No último dia, há uma procissão, missa e o leilão de bezerros. A celebração é muito significativa para os católicos da cidade e se constitui como um momento de reflexão, sociabilidade e encontro da comunidade cristã (PMA, 2021).

B. FORMAS DE EXPRESSÃO

ARTESANATO

Uma forma de artesanato que se destaca em Alpercata é o crochê.

Você conhece a festa em comemoração ao aniversário da cidade? Conte para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



Você conhece alguma Lenda da cidade? Uma encenação? Conte para nós!

Você conhece alguém que faz crochê? Ou conhece algum outro tipo de artesanato produzido na cidade?

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



CURANDEIROS E BENZEDEIROS

Os pais da dona Francisca eram curandeiros e benzedeiros, o sr. Francisco Rodrigues da Rocha popularmente conhecido como Chico Careca e a dona Iná Justina de Lima. No início da Rua Cristiano Flores, próximo à casa da Dona Laura Nalon, tinha uma mulher benzedeira que todos a chamavam de tia Regina. Ela benzia de mau-olhado e quebrante. Para quebrar o quebrante ela pegava um copo d'água e brasa de fogo, se as brasas afundassem a criança estava com quebrante.

“Mas era uma graça ela para benzer, a gente chegava, ela danava abrir a boca e batia uns raminhos na gente e rezava Ave Maria e fazia cruz na cara da gente com aquele raminho. A gente tinha fé e sarava a dor de cabeça.” **Raimunda Julia Lopes**

SIMPATIA

A sr^a Iná fazia simpatia e benzia apenas as crianças. Muitas chegavam sentidas e adoeciam porque, em alguns casos, os pais não tinham condições de comprar alguma comida que a criança queria. Então, a simpatia era: a senhora Iná fazia a comida, e o primeiro prato ela retirava, orava por essa comida e dava a criança pelo amor de Deus. Se a criança comesse, tudo bem, se não comesse ela jogava a comida em água corrente. Assim, as crianças eram curadas. Havia também casos de bronquite, cobreiro, mau-olhado quebrante, torção no pé. A procura por benzeção e simpatia era grande.

FESTIVAL DO QUIABO

O Festival do Quiabo ocorre desde 1979. O primeiro festival ocorreu na gestão do prefeito Wilson Ferreira de Souza (figura 30). No início, o festival era uma forma de incentivar os produtores de quiabo. Aos poucos, a festa ganhou o apoio dos comerciantes e várias atrações, dentre elas: os shows de artistas regionais, show de calouros e a eleição da Rainha do Quiabo. Além disso, a culinária a partir do quiabo começou a ganhar destaque. Muita coisa passou a ser combinada com o quiabo, algumas receitas chamam mais a atenção: a de Cachaça de Quiabo, a do Picolé de Quiabo e a do Pastel de Quiabo. O fato é que todo mundo ficava sabendo da festa, seja por meio de cartazes, do rádio ou de outras formas.

Hoje, a festa não ocorre nos mesmos moldes de antigamente; não tem aquelas receitas criativas com o quiabo e nem a eleição de reis e rainhas. É uma pena que a geração atual não esteja preservando as características do festival que tanto promoveu Alpercata na região como a Capital do Quiabo. Talvez essas mudanças tenham ocorrido pelo fato de a cidade não ter mais a expressiva produção de antes. De qualquer modo, o festival é uma referência para os moradores e um elemento identitário, carregado de memória para todo o povo de Alpercata.



Figura 30 - Wilson Ferreira de Souza, ex-Prefeito de Alpercata e idealizador do Festival do Quiabo
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: Desconhecido

C. LUGARES

IGREJA CATÓLICA DE ALPERCATA

Figura 31 - Igreja Católica e a Praça Paulo VI
Fonte: Facebook Paróquia Bom Jesus
Ano: 2017



Figura 32 - Vista aérea do centro de Alpercata, de onde se vê a Igreja Católica Senhor Bom Jesus
Fonte: Acervo pessoal de José Soares
Ano: 2019



Figura 33 - Antiga fachada da Igreja Católica do Senhor Bom Jesus em Alpercata durante a realização de um casamento

Fonte: Acervo pessoal de Francisca Rodrigues da Rocha

Ano: Desconhecido



Figura 34 - Igreja Católica Senhor Bom Jesus, e parte da Praça Paulo VI, já modificada

Fonte: Biblioteca Pública Municipal Profa. Maria das Dores Martins

Ano: Desconhecido

Você conhece alguém que poderia nos contar como foi a construção da Igreja? Quem participou dela?

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



FAZENDA ALEXANDRINA ERA NOVA



Figura 35 - Fazenda Alexandrina Era Nova, construída pelo sr. Arthur Ferreira Clemente e dona Francisca Mendes Ferreira

Fonte: Prefeitura Municipal de Alpercata – Secretaria de Educação

Ano: 1940

SÍTIO PEREIRA



Figura 36 - Sítio Pereira – Bomfim – Alpercata - MG

Fonte: Acervo pessoal de Zenalda Dias

Ano: Desconhecido

*Você conhece alguém
que sabe a história
desse sítio ou dessa
fazenda? Escreva aqui
para nós!*

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



PRAÇA HOMERO MELO

Figura 37 - Praça Homero Mello em Alpercata
Fonte: Férias Turismo
Ano: 2008



Nós já vimos que
essa praça é uma
homenagem a Homero
Mello. Você conhece
alguém que possa nos
contar histórias sobre
essa praça? Escreva
aqui essas histórias
para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



CASA DO SR. FELICIANO DE PAULA



Figura 38 - Antiga casa do sr. José Feliciano de Paula
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins

Ano: Desconhecido



Figura 39 - Rua Magalhães Pinto - Antiga Precatinha - Casa do sr. José Feliciano de Paula

Fonte: Prefeitura Municipal de Alpercata – Secretaria de Educação

Ano: 1952

Você conhece alguém que sabe a história dessa casa? Escreva aqui para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



CASA DO SR. ANTÔNIO DA COSTA

Figura 40 - Casa construída por Antônio da Costa
por Antônio da Costa
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: 1947

Você conhece alguém que sabe a história dessa casa? Escreva aqui para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.



CASA DO SR. MÁRIO FERNANDES DE ARAÚJO



Figura 41 - Casa construída pelo sr. Mário Fernandes Araújo, era uma loja chamada de “A Nacional Tecidos e Confecções”, que por algum tempo foi também o antigo museu da cidade

Fonte: Prefeitura Municipal de Alpercata – Secretaria de Educação

Ano: 1947

Você conhece alguém que sabe a história dessa casa? Escreva aqui para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



RUA JOSÉ ALVES PEREIRA:

Primeira rua da cidade de Alpercata

RUA CRISTIANO FLORES:

Local de feiras e vendas de produtos agrícolas, especialmente, de quiabo; conhecida antigamente como a ‘rua da briga’.

Você conhece alguém que sabe a história dessas ruas? Escreva aqui para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



MINA DO POVO

Antes de existir a COPASA, Alpercata tinha a Mina das Lavadeiras, conhecida popularmente como a Mina do Povo (figura 42). Era o local onde as donas de casa lavavam as roupas de suas famílias. Não existia água encanada, só haviam cisternas.

“Naquele lugar as pessoas também tomavam banho de roupa e tudo.”

Figura 42 - Mina do povo em Alpercata

Fonte: Acervo pessoal de Élica Lopes Teixeira Duque

Ano: 2021



D. OBJETOS

BUSTO DO SR. HOMERO MELO



Figura 43 - Busto Homero Mello em Alpercata
Fonte: Férias Turismo
Ano: 2008

Você saberia nos contar quem fez esse busto? Quais foram as pessoas envolvidas nessa homenagem? Escreva para nós!

Mande um email para nós: memoriasdealpercata@hotmail.com e compartilhe sua experiência.



PRIMEIRO TELEFONE DE ALPERCATA

O telefone chegou na cidade de Alpercata no início dos anos 1980. O terreno onde foi instalada a torre da Embratel ficou ao lado da casa da senhora Vera Souto. “Antes de 1990 existia um telefone em Alpercata na minha casa, ele era alaranjado.”

O 1º telefone particular foi da dona Olinda, um modelo alaranjado também” (ANDRADE, 2018).

E. SABERES

SABERES MEDICINAIS: CHÁS

Muitas pessoas chegavam com dores nos rins e a dona Iná indicava tomar chá de quebra-pedra, cana-de-macaco e folha de abacate. Ela ensinava a fazer o chá com esses ingredientes. Instruía a fazer o chá de funcho, hortelã e folhas aromáticas.

RECEITA DE SABÃO

“Minha avó chamava Raimunda Rosa de Jesus, por isso que eu me chamo Raimunda, a vovó fazia sabão.” (Raimunda Julia Lopes)

Existia um açougueiro em Alpercata, e era o único açougueiro que se tinha, ele se chamava sr. Henrique. Ele matava o boi no fundo do quintal da sua casa, e doava a “barrigada” do boi, ela (minha vó) fazia o sabão da seguinte forma: apanhava a cinza, furava uma lata de querosene, socava a cinza bem socado com a mão de pilão e acrescentava a água, essa água ia derramando de dentro de uma vasilha que se chamava de quadra, dessa maneira ela produzia o sabão. Primeiro lavava toda a barrigada e jogava em uma panela bem espaçosa, sendo assim, ela colocava de quadra até dar ponto de sabão, o resultado era um sabão repleto de caroços. E era utilizado para lavar os cabelos. *“Era uma beleza o cabelo ficava até brilhando, não tinha creme e nem precisava, porque era muito bom! Naquela época não conhecíamos xampu, às vezes até tinha.” Raimunda Julia Lopes*

RECEITA DE BROA (DONA RAIMUNDA LOPES)

“A minha vó fazia uma broa de fubá muito gostosa!” Raimunda Julia Lopes - Para fazer a broa, usava os seguintes ingredientes: ovo, fubá e bicarbonato (não existia pó royal na época), era assado em cima do fogão de lenha, numa caçarola de ferro, bem untada e usava uma tampa por cima, na qual era colocado brasas bem quentes, depois de um tempo, ficava pronta essa broa.

RECEITA DO FRANGO COM QUIABO (DONA RAIMUNDA LOPES)

VIVER NOSSA RIO DOCE E JEQUITINHONHA
CULINÁRIA



Na terra do quiabo

MUNICÍPIO DE ALPERCATAS TEM ATÉ FESTIVAL ANUAL

Com pouco mais de 7.000 habitantes, a pacata Alpercata abriga o tradicional Festival do Quiabo que este ano comemorou sua 29ª edição em maio com a presença do mascote Quiabinho devidamente vestido com a camisa da seleção canarinho. Com tanta fartura, não é de se estranhar que o vegetal está em várias receitas, como o clássico, frango com angu feito irreprensivelmente por Raimunda Júlia Lopes, 68, cozinheira desde cedo.

Ela conta que durante cinco anos cozinhou em um restaurante de comida mineira na Flórida, mas que aprendeu o ofício com a mãe Quitéria, conhecida na cidade por dona Quiterina, já falecida. Há três anos é a *chef* do restaurante Bom Sabor, do seu filho Edmilson.

Diz ela que a produção de quiabo já foi mais expressiva na região e que muitos agricultores desistiram da cultura por falta de incentivos. Ela revela o segredo para o quiabo soberbo que prepara: "Eu pico na véspera para ajudar a tirar a baba e evitar que ele se despedace na panela".

RESTAURANTE BOM SABOR
Avenida Agenor Andrade, 40
Alpercata
(33) 8422-6993



Fotos: Igor Coelho/Agência 17

» RECEITA

FRANGO COM QUIABO:

- 1 frango médio
- 1 ½ de quiabo já picado
- 1 cebola
- Alho socado a gosto
- Sal a gosto
- 1 colher (sopa) de colorau

MODO DE PREPARO:

Coloque um fio de óleo na panela, jogue o quiabo e mantenha o fogo baixo para não queimar, vá mexendo. Acrescente uma cebola de cabeça bem picadinha que ajuda a tirar a baba,

assim como umas gotas de vinagre. Quando ele começar a murchar e a semente subir está no ponto. Desligue e reserve. Frite o frango com um pouco de água para cozinhar ao mesmo tempo e retire da panela. Na borra coloque alho, corante, um pouco de água e deixe ferver. Jogue primeiro o frango e o quiabo por cima e desligue. O restante do acompanhamento fica por conta da imaginação de cada um.

Figura 44 - Receita do frango com quiabo da Raimunda Lopes

Fonte: Acervo pessoal do Restaurante Bom Sabor

Ano: Julho de 2014



Receitas da dona Alzira de Faria Lopes (mãe da Zenalda)

BOLO DA ÁGUA

Ingredientes:

- 5 ovos;
- 10 colheres de sopa de água;
- 2 xícaras de trigo;
- 2 xícaras de açúcar;

Preparo: separe as gemas, bata as claras em neve e reserve. Acrescente aos poucos a água nas gemas, em seguida, o açúcar, misture. Adicione o trigo, e misture tudo, por último junte as claras.

*Obs. Nesse bolo não deve ser adicionado fermento químico.

BISCOITO DE POLVILHO

Ingredientes:

- Polvilho azedo;
- 5 ovos;
- Sal a gosto;

Preparo: Misture todos os ingredientes até que fique em ponto de enrolar. E frite-os em óleo.



Figura 45 - Antiguidades alpercatenses
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: 2019



Figura 46 - Antiguidades alpercatenses
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: 2019

Figura 47 - Paneleiro
Fonte: Biblioteca Pública
Municipal Professora Maria
das Dores Martins
Ano: 2019



Vamos conhecer
algumas das antiguidades
alpercatenses. Se
você conhecer histórias
de algumas delas, conte
para nós!

Mande um email para nós:
memoriasdealpercata@hotmail.com
e compartilhe sua experiência.





Figura 48 - Máquina de costura
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: 2019



Figura 49 - Filtro de barro
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: 2019



Figura 50 - Moinho de milho manualmente (Sr. Timóteo, avô do Willian e da Cássia)
Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins
Ano: Desconhecido

Figura 51 - Casa da máquina de arroz do sr. Hortêncio Salvador Augusto

Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins

Ano: Desconhecido



Figura 52 - Maquinário para limpeza do arroz do sr. Hortêncio Salvador Augusto

Fonte: Biblioteca Pública Municipal Professora Maria das Dores Martins

Ano: Desconhecido



PRIMEIRA BANDEIRA DO MUNICÍPIO



Figura 53 - Bandeira da Cidade de Alpercata
Fonte: PMA - Assessoria de Comunicação
Ano: 2018



Figura 54 - Brasão da Cidade de Alpercata
Fonte: PMA - Assessoria de Comunicação
Ano: 2018

CONFORME DESCREVE O SITE OFICIAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ALPERCATA (PMA, 2018):

“A Bandeira possui as seguintes características:

I - É dividida em duas partes iguais, sendo que da base esquerda à sua ponta direita, na lateral esquerda na cor branca e de sua base direita a sua ponta também direita, na lateral direita, na cor azul claro.

II - No centro está situado o Brasão do Município.

III - Das cores:

a) Azul Claro – simboliza as suas riquezas: Gado e Quiabo.

b) Branco – simboliza a Paz e a Prosperidade do seu Povo.

O Brasão possui as seguintes simbologias:

I- Sol – colocado sobre as montanhas, destacando a grandeza e o progresso do Município

II- Montanhas – aplicado numa cor verde mesclado, as montanhas lembram a região mineira, onde se situa o Município de Alpercata.

III- Gado – ao centro e destacando a riqueza pecuária do Município.

IV- Quiabo e Flores – colocados ao lado esquerdo e direito do Brasão e suas flores na base interna, simbolizando e valorizando a agricultura do Município.

V- Faixa – situada na base externa do Brasão e contendo o nome do Município e as datas de criação e emancipação político-administrativa.

VI- Coroa – colocada na parte superior do Brasão destacando a supremacia dos três poderes: Judiciário, Executivo e Legislativo.

VII - Simbologia das Cores:

a) Amarelo – usada na coroa, sol e faixa significam Justiça e Progresso.

b) Verde Mesclado – usada nas montanhas, significa Paz e Prosperidade.

c) Verde Escuro – usada no quiabo e suas flores, significa abundância.

d) Preto – usada no gado, significa representação do maior produto agropecuário do Município.”



**Você conhece o HINO DE ALPERCATA? Sabe cantá-lo?
Conhece quem foi o seu autor?**

LEI Nº 584 DE 09 DE AGOSTO DE 1997

**Composição, Letra e Música:
Sebastião de Souza Soares**

REFRÃO

Alpercata tão bonita,
Alpercata, pequenina,
Alpercata és de Minas Gerais,
Nós te amamos demais!...

Com nossas mãos construindo tua história,
Sem esquecer trazemos na memória,
O homem que te desbravou,
Povo que tem muito amor!...

REFRÃO

Teu povo humilde na Zona Rural,
Com as mãos calejadas faz o Festival,
Louvando a Deus Criador,
Que por ti tem muito amor...

REFRÃO

Teu Padroeiro é o Senhor Bom Jesus,
Com o Jubileu trazendo muita luz,
Um povo que ama teu Deus,
E não esquece os Filhos Teus!...

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Alpercata
Lei Orgânica Municipal



**Você conhece os EX-PREFEITOS DE ALPERCATA?
Veja a seguir e nos conte se você conhece ou
ouviu falar de alguns desses nomes**

EX-PREFEITOS/VICES	MANDATOS
- Prefeito: Arnóbio Vieira de Andrade Vice-prefeito - Aurelino Rodrigues	1963/1967
- Prefeito: Aurelino Rodrigues Vice-prefeito: Jaeder de Souza Monteiro	1967/1970
- Prefeito: Arnóbio Vieira de Andrade Vice-prefeito: Lino Getúlio Machado	1971/1973
- Prefeito: Aurelino Rodrigues Vice-prefeito: Osmário Soares	1973/1977
- Prefeito: Wilson Ferreira de Souza Vice-prefeito: Moacir Rosado Souto	1977/1983
- Prefeito: Aurelino Rodrigues Vice-prefeito: Adão Alves Pereira	1983/1988
- Prefeito: Carlos Fani Machado Vice-prefeito: Doracy de Sá	1989/1992
- Prefeito: Adão Alves Pereira Vice-prefeito: José Alves Júnior	1993/1996
- Prefeito: Edson Amâncio de Sá Vice-prefeito: Otávio de Souza Soares	1997/2000
- Prefeito: Edson Amâncio de Sá Vice-prefeito: Joaquim Pereira da Silva	2001/2004
- Prefeito: Gilcleber Bento de Souza Vice-prefeito: Romualdo Barreto	2005/2008
- Prefeito: Doracy de Sá Vice-prefeito: Roberto Coelho da Silva	2009/2012
- Prefeito: Valmir Faria da Silva Vice-prefeito: Roberto Coelho da Silva	2013/2016
- Prefeito: Valmir Faria da Silva Vice-prefeita: Maria da Penha Almeida de Souza	2017/2020

Fonte: Site da Prefeitura
Municipal de Alpercata

Essas são apenas algumas referências culturais que podem fazer os alpercatenses se perguntarem se não existem outras tantas! Deixamos aqui nosso convite para que cada morador de Alpercata faça um exercício simples: identifique as datas mais significativas do seu cotidiano, olhe ao seu redor e repare nos lugares que possuem importância para a comunidade, nos objetos que contribuem para manter a memória da cidade, nos saberes que o povo deve resguardar para as gerações futuras. Assim, se cada um contribuir, podemos ter um inventário das referências da cidade.

Se você quiser conhecer um inventário de referências culturais, vamos deixar logo abaixo um link que pode ser acessado por todos! Vocês irão conhecer o Inventário de Referências Culturais de Governador Valadares.

INVENTÁRIO | História e cultura
historiaeculturagovernadorvaladares.com

INVENTÁRIO DE

*Referências Culturais de
Governador Valadares*

Patrícia F. Genovaz, Ediléia M. L. Portes, José B. Ferreira Filho, José Luiz Cazarotto e Guilherme V. Letizio (Orgs.)




Editora
Univale

Há também um material importante que pode ajudar no levantamento dessas referências. Esse material foi produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e mostra o esforço em se estabelecer uma Educação Patrimonial da população, buscando resguardar o patrimônio cultural a partir da educação básica. Vamos colocar a seguir um link do Ministério da Educação para uso do material adequado que ajudará a promover esse inventário.

MANUAL DE APLICAÇÃO

mec.gov.br

Educação Patrimonial



Manual de Aplicação

Programa Mais Educação

Enfim, são com essas referências e com a participação de todos que poderemos, futuramente, reescrever as memórias de Alpercata de modo mais completo. Esperamos por sua contribuição e ajuda!

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (2021-2024)

Figura 55 - Administração Atual de Alpercata
Fonte: PMA - Assessoria de Comunicação
Ano: 2021



- **Prefeito:** Rafael Augusto Franca Oliveira Machado (ao centro)
Partido: PSD – Partido Social Democrático
- **Vice-prefeito:** José Mariano de Assis (Lodim de Era Nova)
Partido: PSD – Partido Social Democrático

- **Vereadores:** (Da esquerda para a direita)

- **Simony Batista da Silva** (Simony dos Martins)
Partido: Republicanos

- **Cleiton Souza da Silva** (Cleiton da Mercearia)
Partido: PSD – Partido Social Democrático

- **Mauro José Silva** (Maurinho da Saúde)
Partido: PSD – Partido Social Democrático

- **Anderson de Oliveira Nunes** (Anderson Carteiro)
Partido: PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

- **Jeferson Correia de Faria** (Jefinho de Era Nova)
Partido: PDT - Partido Democrático Trabalhista

- **José Elias Siqueira Montimor** (José Elias)
Partido: PSC - Partido Social Cristão

- **Fiorivaldo Natal Pitol** (Flor do Era Nova)
Partido: Republicanos

- **Adir Carneira Faria** (Teteco)
Partido: PSC - Partido Social Cristão

- **Cristiane Renier Tolomeu** (Cristiane da Cota)
Partido: MDB - Movimento Democrático Brasileiro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS |

ALMEIDA, Maria de Lourdes de. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 02/10/2018.

ALPERCATA: Município Disponível em:

<https://www.alpercata.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-do-municipiode-alpercata/6495> Acesso em: 20 ago. 2021.

ANDRADE, Geraldo Alves de. Residência do sr. Geraldo. 26/09/2018.

ARAÚJO, Maria das Graças Salvador Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 24/09/2018.

DUQUE, Élica Lopes Teixeira. Paisagem urbana de Alpercata: características e processo histórico. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Engenharia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2018. 94p.

FERNANDES, Newton de Souza. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 02/10/2018.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Municípios do Estado de Minas Gerais (Vol. 24)**. Rio de Janeiro: Editora IBGE, 1958. 580p.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Municípios do Estado de Minas Gerais (Vol. 25)**. Rio de Janeiro: Editora IBGE, 1958. 474p.

LOPES, Raimunda Júlia. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 25/08/2021.

MACHADO, Carlos Fani. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 27/08/2018.

MELLO, Márcio Macedo. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 05/10/2018.

MANAUS A CIDADE SEM PLANEJAMENTO - IMAGEM: Disponível em: <https://www.cauam.gov.br/sem-planejamento-manaus-caminha-para-umcolapso-urbano-dizem-especialistas/> Acesso em: 23 set. 2021.

NOGUEIRA, Francisca Rodrigues. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 25/08/2021.

PANORAMA CONCENTRADO. Google Maps. Disponível em:

<https://www.google.com.-br/maps/@-18.9892809,-41.98833,17.25z>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PANORAMA GERAL. Google Maps. Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/@-19.4698982,-41.7535473,8.42z>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PEREIRA, Cleber Alves. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 23/08/2021.

PEREIRA, Zenalda Dias. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 23/08/2021.

PLANEJAMENTO DE BRASÍLIA - IMAGEM: Disponível em:

<https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/08/9-cidadesplanejadas-no-brasil-para-voce-conhecer.html>
Acesso em: 23 set. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALPERCATA. Disponível em: **Prefeitura Municipal de Alpercata - Principal**. Acesso em: 20 ago. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARATINGA. Disponível em:

<https://caratinga.mg.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOM CAVATI. Disponível em: **Prefeitura Municipal de Dom Cavati - Principal**. Acesso em: 20 ago. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ENGENHEIRO CALDAS. Disponível em: **Prefeitura Municipal de Engenheiro Caldas - Principal**. Acesso em: 20 ago. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOVERNADOR VALADARES. **Prefeitura Municipal de Governador Valadares - Principal**. Acesso em: 20 ago. 2021.

SÁ, Doracy de. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 04/09/2018.

SOUZA, Maria Fernandes Quintão de. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 02/10/2018.

SOUZA, Wilson Ferreira. Entrevista concedida a Élica Lopes Teixeira Duque, em 18/09/2018.



ÉLICA LOPES TEIXEIRA DUQUE é natural de Contagem – MG, vive em Alpercata desde os 8 anos de idade. Arquiteta urbanista, diplomada em 2018 pelo Núcleo das Ciências e Tecnologia da Universidade Vale do Rio Doce – Univale.

E-mail: elicaduque@hotmail.com



PATRÍCIA FALCO GENOVEZ possui graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrado e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense e pós-doutorado em Teoria e Metodologia de História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, é professora titular da Universidade Vale do Rio Doce e pesquisadora do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/Univale), atuando nos cursos de Arquitetura e urbanismo, Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Design Gráfico. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Senso Interdisciplinar Gestão Integrada do Território (GIT). Possui experiência na área de História, História Cultural, Formação Histórica do Território, História Local, Memória, História Oral e Patrimônio Cultural.



